





RAÍZES, VALORES E TRADIÇÕES

CARTILHA 3

PATRONOS, PATRIARCAS, HERÓIS E PERSONALIDADES MILITARES

VERSÃO PROVISÓRIA





DIRETORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DO EXÉRCITO

PREFÁCIO

Prezado comandante/chefe/diretor

Trazer a lume a vida e os feitos das egrégias personalidades que contribuíram patrioticamente com a construção do nosso Exército e de nosso país faz parte da manutenção da nossa memória institucional e nos relembra que é possível agirmos sob a égide dos mais caros valores morais que devem pautar a vida do soldado de Caxias.

Nesse propósito, esta cartilha pretende contribuir para a consecução dos objetivos estratégicos da Nova Educação e Cultura do Exército, agindo diretamente no fortalecimento dos valores, deveres e da ética militares exemplificados nos importantes feitos de cada vulto histórico, servindo como subsídio para o desenvolvimento de ações de preservação e divulgação de nossa cultura e das raízes históricas de nossa instituição.

Ao compulsá-la, o usuário disporá de uma **síntese biográfica dos patronos, patriarcas e de uma seleção representativa de heróis e personalidades** do Exército Brasileiro, cujas trajetórias servirão de estímulo e exemplo à formação e ao constante aperfeiçoamento das características que distinguem o profissional das armas.

Destaca-se, ainda, ao final de cada biografia, o conjunto de valores consolidados pela narrativa histórica dos notáveis apresentados e uma sugestão de obras literárias para o aprofundamento do seu estudo.

Espera-se que os seus insignes exemplos transponham os muros da caserna e contribuam, também, para o fortalecimento do espírito cívico, dos valores morais e éticos da sociedade brasileira.

GENERAL DE DIVISÃO RIYUZO IKEDA
Diretor do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército



DIRETORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DO EXÉRCITO



Cartilha 3

PATRONOS, PATRIARCAS, HERÓIS E PERSONALIDADES MILITARES

ÍNDICE

OS PATRONOS

EXÉRCITO BRASILEIRO

Marechal Luiz Alves de Lima e Silva – Duque de Caxias................................ 3

ARMAS, QUADROS, SERVIÇOS E FAMÍLIA MILITAR

Arma de Infantaria - Brigadeiro Antonio de Sampaio..7

Arma de Cavalaria - Marechal Manuel Luis Osorio..10

Arma de Artilharia - Marechal Emílio Luis Mallet..14

Arma de Engenharia - Tenente-Coronel João Carlos de Vilagran Cabrita............16

Arma de Comunicações - Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon..............19

Patrono do Quadro de Material Bélico - Marechal Carlos Antônio Napion..........21

Serviço de Intendência - Marechal Carlos Machado Bitencourt..........................23

Quadro de Engenheiros Militares - Coronel Ricardo Franco de Almeida Serra...25

Serviço de Saúde - General de Brigada João Severiano da Fonseca.....................27

Serviço de Veterinária - Coronel João Muniz Barreto de Aragão.........................29

Magistério Militar - Marechal Roberto Trompowski Leitão de Almeida.............31

Serviço de Assistência Religiosa - Frei Orlando Antônio Álvares da Silva..........33

Quadro Auxiliar de Oficiais - Tenente Antônio João..35

Quadro Complementar de Oficiais - Cadete Maria Quitéria de Jesus...................37

Família Militar – Rosa Maria Paulina da Fonseca...39

OS PATRIARCAS

Barreto de Menezes..41
João Fernandes Vieira...43
André Vidal de Negreiros..45
Felipe Camarão...47
Henrique Dias...49
Antonio Dias Cardoso...51

OS HERÓIS E AS PERSONALIDADES IMPORTANTES:
ATUAÇÃO MILITAR NA FORMAÇÃO E EVOLUÇÃO DO BRASIL

Antonio Maria Coelho...54
Antonio Tibúrcio Ferreira de Sousa...56
Brigadeiro Gurjão..59
Marechal Castello Branco...61
Marechal Mascarenhas de Morais..63
General Andrade Neves..65
Marechal Xavier Curado...68
Marechal Deodoro da Fonseca...70
Sargento Max Wolff Filho...73
Capitão-Mor Pedro Teixeira..76

CONSIDERAÇÕES FINAIS.. 79

"É fácil a missão de comandar homens livres,
basta mostrar-lhes o caminho do dever."
Marechal Luís Osorio

DPHCEX

OS PATRONOS



EXÉRCITO BRASILEIRO



MARECHAL LUIZ ALVES DE LIMA E SILVA
DUQUE DE CAXIAS



ORIGENS

O nascimento do futuro Duque de Caxias ocorreu em 25 de agosto de 1803 na Fazenda São Paulo, povoado de Taquarassú, Vila do Porto de Estrela, na província do Rio de Janeiro, atual município de Duque de Caxias. Filho de Francisco de Lima e Silva e Mariana Cândido de Oliveira Belo. Oriundo de uma família de militares, Luiz Alves de Lima e Silva já era predestinado à carreira das armas. Foi cadete de 1ª classe desde os cinco anos de idade. Aprendeu as primeiras letras e as operações matemáticas com a avó materna, Ana Quitéria. Estudou no convento São Joaquim e, aos quatorze anos, matriculou-se na Academia Real Militar, de onde saiu promovido a tenente para servir no 1º Batalhão do Imperador, unidade de elite do Exército do Rei que acabara de proclamar a Independência do Brasil, em 7 de setembro de 1822. Coube ao tenente Luiz Alves de Lima e Silva receber a Bandeira do Império das mãos de D. Pedro I.

O SOLDADO

No dia 3 de junho de 1823, o jovem tenente marchou para a província da Bahia, como ajudante do Batalhão do Imperador, para combater as tropas portuguesas, comandadas pelo general Madeira de Mello, que se opunham à Independência do Brasil. Em sua primeira experiência de combate, deu mostras de bravura ao lançar-se, impetuosamente, com a espada desembainhada, à testa de sua companhia, no assalto de uma casa-forte guarnecida por caçadores portugueses. Como justa recompensa de tão heróico feito, sua conduta lhe valeu a insígnia de Cavaleiro da Imperial Ordem do Cruzeiro, considerada, na época, a mais alta distinção militar.

Ao retornar para o Rio, Caxias foi promovido ao posto de capitão, com apenas vinte anos de idade. A promoção precoce foi motivo de comentários, mas logo se espalharia a fama de suas virtudes militares e dos exemplos de abnegação e bravura, dos quais dera mostras na campanha da Bahia.

Enviado para Montevidéu, em razão da revolta da província Cisplatina, em 1825, deu outros exemplos de bravura. Em uma de suas ações mais audaciosas, liderando um grupo de militares, atravessou a cavalo as linhas inimigas e apoderou-se de um navio corsário guarnecido por cerca de 50 homens que zombavam, acintosamente, das armas imperiais. Em outra surtida fulminante, saiu de Montevidéu durante a noite e, em uma ação rápida sobre uma linha de postos avançados inimigos, fez mais de 30 prisioneiros. Pela coragem demonstrada, o fato foi citado em Ordem do Dia. Cessada a guerra com aquela província, em virtude do tratado de paz firmado com o governo argentino, retornou ao Rio de Janeiro, tendo sido promovido a major e assumido o comando do Batalhão do Imperador.

Em 1837, já promovido a tenente-coronel, foi escolhido, por seu descortino administrativo e elevado espírito disciplinador, para pacificar a província do Maranhão, onde havia iniciado o movimento da Balaiada.

Em 2 de dezembro de 1839, foi promovido a coronel e, por carta imperial, nomeado presidente da província do Maranhão e comandante-geral das Forças em operações. Em 18 de julho de 1841, em atenção aos serviços prestados na pacificação do Maranhão, foi agraciado com o título nobiliárquico de Barão de Caxias, promovido a brigadeiro e, em seguida, eleito unanimemente deputado pela província do Maranhão. Em março de 1842, foi investido no cargo de comandante das Armas da Corte.

Em maio de 1842, iniciou-se um levante na província de São Paulo, suscitado pelo Partido Liberal. O governo imperial, com receio de que esse movimento, alastrando-se, viesse a fundir-se com a revolta farroupilha, que já se desenvolvia no sul do País, resolveu chamar Caxias para pacificar a região. Assim, o brigadeiro Lima e Silva foi nomeado comandante-chefe das Forças em operações da província de São Paulo e, ainda, presidente dessa província.

Cumprida a missão de pacificação do levante na província de São Paulo em pouco mais de um mês, o governo, temeroso de que a revolta envolvesse a província das Minas Gerais, nomeou, no mesmo ano de 1842, Caxias como comandante do exército pacificador naquela região.

Mesmo com carta branca para agir contra os revoltosos, marcou sua presença pela simplicidade, humanidade e altruísmo com que conduzia suas ações. Assim ocorreu

quando da captura de 10 chefes rebeldes aprisionados no combate de Santa Luzia, quando, sem arrogância, com urbanidade e nobreza, dirigiu-se a eles dizendo: *"Meus senhores, isso são consequências do movimento, mas podem contar comigo para quanto estiver em meu alcance, exceto para soltá-los"*. No início do mês de setembro, a revolta já estava abafada e a província, pacificada.

Pelos relevantes serviços prestados nas províncias de São Paulo e Minas, foi promovido ao posto de marechal de campo graduado, quando não contava sequer quarenta anos de idade.

Ainda grassava no sul a Revolta dos Farrapos. Mais de 10 presidentes de província e generais sucederam-se desde o início da luta, sempre sem êxito. Mister da capacidade administrativa, técnico-militar e pacificadora de Caxias, o governo imperial nomeou-o, em 1842, comandante-chefe do Exército em operações e presidente da província do Rio Grande do Sul.

Se no honroso campo da luta, a firmeza de seus lances militares lhe granjeava o rosário de triunfos que viria despertar nos rebeldes a ideia de pacificação, paralelamente, seu descortino administrativo, seus atos de bravura, de magnanimidade e de respeito à vida humana, conquistaram a estima e o reconhecimento dos adversários. Por essas razões é que os chefes revolucionários passaram a entender-se com Caxias, em busca da ambicionada paz, que foi assinada em Ponche Verde, em 1º de março de 1845, dando fim à revolta farroupilha. É, pois, com justa razão que o proclamam não só Conselheiro da Paz, senão também ***O Pacificador do Brasil***. Em todos os movimentos contestatórios Caxias fez uso da anistia, objetivando a paz e a reconciliação entre os brasileiros.

O ESTRATEGISTA E O ESTADISTA

Em 1845, Caxias foi efetivado no posto de marechal de campo e foi elevado a Conde. Em seguida, mesmo sem ter se apresentado como candidato, teve a satisfação de ter seu nome indicado para senador do Império pela província que pacificara há pouco, assumindo, em 1847, efetivamente a cadeira de senador pela província do Rio Grande do Sul.

A aproximação das chamas de uma nova guerra na fronteira sul do Império acabaram por exigir novamente a presença de Caxias no Rio Grande do Sul e, em junho de 1851, foi nomeado presidente da província e comandante-chefe do Exército do Sul, ainda não organizado. Essa era a sua principal missão: preparar o Exército Imperial para uma luta nas fronteiras dos pampas gaúchos.

Assim, em 5 de setembro de 1851, Caxias adentra o Uruguai, batendo as tropas de Manoel Oribe, diminuindo as tensões que existiam naquela parte da fronteira. Em 1852, foi promovido ao posto de tenente-general e recebe a elevação ao título de Marquês de Caxias.

Em 1853, uma carta imperial lhe conferiu a carta de conselho, dando-lhe o direito de tomar parte direta na elevada administração do Estado e, em 1855, foi investido no cargo de ministro da Guerra. Em 1857, por moléstia do Marquês de Paraná, assume a presidência do Conselho de Ministros do Império, cargo que voltaria a ocupar em 1861,

cumulativamente com o de ministro da Guerra. Em 1862, foi graduado marechal, reassumindo a função de senador no ano de 1863.

Em 1865, iniciou-se a Campanha da Tríplice Aliança, reunindo Brasil, Argentina e Uruguai contra as Forças paraguaias de Solano Lopez**.**

Em 1866, Caxias foi nomeado comandante-chefe das Forças do Império em operações contra o Paraguai, mesma época em que foi efetivado marechal. O tino militar de Caxias atingiu seu ápice nas batalhas dessa Campanha. Sua determinação ao marechal Alexandre Gomes Argolo Ferrão para que fosse construída a famosa estrada do Grão-Chaco, permitindo que as Forças brasileiras executassem a célebre marcha de flanco através do chaco paraguaio, imortalizou seu nome na literatura militar. Da mesma forma, sua liderança atingiu a plenitude no seu esforço para concitar seus homens à luta na travessia da ponte sobre o arroio Itororó – "***Sigam-me os que forem brasileiros"***.

Caxias só deu por finda sua gloriosa jornada ao ser tomada a cidade de Assunção, capital do Paraguai, em 1º de janeiro de 1869. No mesmo ano, Caxias teve seu título nobiliárquico elevado a Duque, mercê de seus relevantes serviços prestados na Campanha contra o Paraguai.

Em 1875, pela terceira vez, foi nomeado ministro da Guerra e presidente do Conselho de Ministros.

Caxias ainda participaria de fatos marcantes da história do Brasil, como a questão religiosa, o afastamento de D. Pedro II e a regência da princesa Isabel. Já com idade avançada, resolveu retirar-se para sua terra natal, a província do Rio de Janeiro, na Fazenda Santa Mônica, na estação ferroviária do "Desengano", hoje Barão de Juparaná, localidade no distrito de Vassouras.

No dia 7 de maio de 1880, às 20 horas e 30 minutos, fechava os olhos para sempre aquele bravo militar e cidadão que vivera no seio do Exército para glória do próprio Exército.

O Decreto do governo Federal nº 51.429, de 13 de março de 1962, imortalizou o nome do invicto Duque de Caxias como o patrono do Exército Brasileiro e seu nome está imortalizado no Panteão da Pátria, em Brasília.

Leitura complementar:

GIORGIS, Luis Ernani Caminha. **O Duque de Caxias dia a dia**. Porto Alegre: Evangraf, 2011.
MORAES, Vilhena de. **O Duque de Ferro**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2003.
PILLAR, Olyntho. **Os patronos das forças armadas**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981.

VALOR(ES), ATRIBUTO(S), E DEVER(ES) A SER(EM) TRABALHADO(S): DESCORTINO ADMINISTRATIVO, BRAVURA, MAGNANIMIDADE, RESPEITO À VIDA HUMANA CORAGEM, DISCIPLINA, RESPEITO À HIERARQUIA, HONESTIDADE, INTEGRIDADE, LEALDADE, PATRIOTISMO, PROBIDADE, RIGOROSO CUMPRIMENTO DOS DEVERES E TRATO DO SUBORDINADO COM DIGNIDADE.



PATRONO DA ARMA DE INFANTARIA
BRIGADEIRO ANTÔNIO DE SAMPAIO



ORIGENS

Antônio de Sampaio, nasceu em 24 de maio de 1810, na Fazenda Vitor, situada na povoação de Tamboril, vale do rio Acaraú, 232 Km a sudoeste da cidade de Fortaleza, na então província do Ceará. Filho de Antônio Ferreira Sampaio, ferreiro de profissão, e de dona Antônia de Souza Araújo Chaves. Foi criado e educado pelos pais no ambiente simples dos sertões. Cedo, revelou interesse pela carreira militar, galgando postos por merecimento, graças a inúmeras demonstrações de bravura, tenacidade e inteligência.

O SOLDADO

Contava vinte anos de idade ao alistar-se voluntário nas fileiras do 22º Batalhão de Caçadores, na cidade de Fortaleza. Ainda naquela unidade cearense, meses após seu ingresso, cingia sua túnica com as divisas de furriel, graduação ora correspondente a 3º sargento. Em 4 de abril de 1832, recebeu o batismo de sangue, em combate travado nas ruas de Icó e S. Miguel, em que o major Francisco Xavier Tôrres derrotou a tropa do coronel Joaquim Pinto Madeira, contra a abdicação de D. Pedro I.

Sampaio teve atuação destacada na maioria das campanhas de manutenção da integridade territorial brasileira: Icó (CE), 1832; Cabanagem (PA), 1836; Balaiada (MA), 1838; Guerra dos Farrapos (RS), 1844-1845 e Praieira (PE), 1849-1850.

Chegou ao Rio Grande do Sul ao final da Revolução Farroupilha, onde, no comando de uma Companhia de Infantaria, estacionou quase três anos em Canguçu, como instrumento de consolidação da Paz de Ponche Verde. A seguir, Sampaio empenhou-se no comando sucessivo de Batalhões e Brigadas de Infantaria. Em pouco tempo, transformou-se num consumado condutor de homens, conhecedor profundo do terreno e mestre em adestrar e empregar a infantaria. Combateu na guerra contra Oribe e Rosas (1851-1852), quando participou da Batalha de Monte Caseros, como integrante da

Divisão Brasileira. Comandou um Batalhão de Divisão de Observação que penetrou em Montevidéu em 7 de maio de 1859, a pedido do presidente oriental Venâncio Flores.

Na guerra contra Aguirre, teve atuação destacada à frente de uma Divisão, na conquista de Paissandu, o que lhe valeu sua promoção a brigadeiro.

Sobre ele e sua tropa, escreveu em *Reminiscências da Campanha do Paraguai*, Dionízio Cerqueira, o maior cronista deste conflito e que foi integrante da Divisão Encouraçada e subordinado de Sampaio:

> A ideia de passar para a Infantaria não me abandonava. Esta arma exercia sobre mim indizível fascinação. Quando passava um daqueles belos batalhões da Divisão Sampaio, a Encouraçada, de bandeira desfraldada, os pelotões alinhados, guardando bem as distâncias, marchando airosos e elegantes, ao som alegre de um dobrado vibrante, não me podia conter, e punha-me a marcar passo... (p. 146)
> Fui apresentar-me ao general Sampaio. O ilustre general, glória do Exército pelo valor e amor à disciplina, estava uniformizado, debaixo de uma ramada, lendo uma história de Napoleão, seu capitão predileto. Quando me viu, fechou o livro, marcando-o com o indicador da mão esquerda. Adiantei-me, perfilei-me levando a mão à pala do boné e disse: - Pronto! Senhor general venho apresentar-me a V Exa por ter sido promovido para o 4º de infantaria. O velho soldado mirou-me de alto a baixo, e eu firme como uma estaca. Parecia ter simpatizado comigo, porque disse em tom afetuoso: - Estimo muito, senhor alferes. Apresente-se à Brigada. Desejo que seja feliz. (p. 150)

Durante a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1865-1870), como oficial general, teve atuação destacada em todas as ações até Tuiutí, onde recebeu três ferimentos na data do seu aniversário, 24 de maio. O primeiro, por granada, gangrenou-lhe a coxa direita; os outros dois foram nas costas.

Em 6 de julho de 1866, depois de quarenta e três dias agonizantes, a bordo do vapor hospital Eponina, teve fim a trajetória do brilhante militar. Seu corpo chegou a Buenos Aires no dia seguinte a sua morte, sendo depositado, à noite, no Hospital de Sangue Brasileiro situado no extremo Sul daquela cidade. No outro dia, às 14 horas saiu seu enterro para o cemitério local, sob salvas da corveta Niterói e honras fúnebres, prestadas por uma força de infantaria argentina. Depois de três anos, em 20 de dezembro de 1869, os restos mortais do brigadeiro Sampaio chegaram ao Rio de Janeiro, indo diretamente para a capela do Arsenal de Guerra, de onde foi trasladado para a Igreja Bom Jesus da Coluna. Permaneceu sepultado até 25 de novembro de 1871. Depois dessa data, foi transferido no vapor Cruzeiro do Sul para Fortaleza/CE, sendo guardado em sua catedral, até que se concluísse a construção do seu mausoléu, no cemitério de São João Batista, em 25 de outubro de 1873.

Para eternizar os seus feitos foi erigido em 24 de maio de 1900, trinta e quatro anos depois da Batalha do Tuiuti e noventa do seu nascimento, na praça Castro Carreira, uma estátua de 10 m de altura, em mármore das pedreiras do Itapaí, no Serrote de Cantagalo.

Em 1928, na Escola Militar do Realengo, os alunos foram estimulados pelo instrutor, primeiro-tenente Humberto de Alencar Castello Branco, a escolherem o nome

de Sampaio para patrono do batalhão de infantaria daquela escola de formação de oficiais do Exército. Dois anos depois, a turma de infantaria de 1930, da mesma escola, ampliou as homenagens, conferindo ao brigadeiro Sampaio o título de patrono da Infantaria Brasileira.

Exemplo de exponencial bravura, foi homologado patrono da Arma de Infantaria do Exército Brasileiro, pelo Decreto nº 51.429, de 13 de março de 1962. Arma em cujo seio se forjou e se destacou sobremodo como bravo e modelar líder de combate, instrutor e disciplinador, homem puro e patriota, inteiramente dedicado à vida militar.

Em 1966, seus restos mortais foram deslocados do cemitério São João Batista para a avenida Bezerra de Menezes, em frente ao quartel da 10ª Companhia de Guardas.

No dia da Arma de Infantaria, 24 de maio de 1967, foi emitido um selo comemorativo da efeméride do centenário da morte do brigadeiro Sampaio em Tuiuti, com sua efígie, e, sobre ela, três estrelas lembrando seus três ferimentos à bala, recebidos no campo de batalha.

Na época da Segunda Guerra Mundial, o nome de Sampaio foi usado na criação da Medalha Sangue do Brasil, destinado a contemplar os soldados brasileiros feridos em ação. Na comenda, existem também três estrelas esmaltadas em vermelho, lembrando os três ferimentos recebidos por Sampaio em Tuiuti.

A partir de 24 de maio de 1996, seus restos mortais foram finalmente depositados no pantheon em frente à Fortaleza de Nossa Senhora de Assunção, na capital do Ceará, onde Sampaio ingressou voluntariamente como soldado nas fileiras do Exército Imperial, em 17 de junho de 1830, local que hoje abriga o Comando da 10ª Região Militar.

Como parte das comemorações do seu bicentenário de nascimento, o presidente da República sancionou a Lei nº 11.932, de 24 de abril de 2009, de iniciativa do Congresso Nacional, reconhecendo o seu valor, o que inscreve o seu nome no Livro dos Heróis da Pátria, depositado no Panteão da Liberdade e da Democracia em Brasília.

Leitura complementar

CERQUEIRA, Dionísio. **Reminiscências da Campanha do Paraguai**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.
DUARTE, Paulo de Queiroz. **Sampaio**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1988.
PILLAR, Olyntho. **Os patronos das forças armadas**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército,
1981.
REVISTA VERDE OLIVA. **Sampaio 200 Anos** – Coragem e Determinação, DF, Ano XXXVIII – Nr 206 – Jul/Ago/Set 2010.

VALOR(ES), ATRIBUTO(S), E DEVER(ES) A SER(EM) TRABALHADO(S): AMOR À PROFISSÃO, CORAGEM, DISCIPLINA, RESPEITO À HIERARQUIA. ESPÍRITO DE CORPO, FÉ NA MISSÃO DO EXÉRCITO, HONESTIDADE, INTEGRIDADE, LEALDADE, PATRIOTISMO, PROBIDADE, RIGOR NO CUMPRIMENTO DOS DEVERES E BRAVURA.



PATRONO DA ARMA DE CAVALARIA
MARECHAL MANUEL LUIS OSORIO



ORIGENS

Em 10 de maio de 1808, nasceu na Vila Nossa Senhora da Conceição do Arroio, atual Município de Tramandaí (RS), o menino Manuel Luís Osorio. Filho de Ana Joaquina e de Manuel Luís da Silva Borges, um destacado e condecorado militar que lutou no Estado Oriental (atual Uruguai), nas guerras de 1811, e no período de 1816 a 1821. Desde cedo, Osorio já demonstrava muito interesse sobre as campanhas militares do pai, aprendeu a montar, saltar, domar e jogar o laço do campeiro rio-grandenses e as boleadeiras. Tornou-se um gaúcho de fato e foi tropear e pelejar pelos pampas, assim como pelas terras platinas.

O SOLDADO

A emancipação política do Brasil em 1822 fez com que Osorio, com pouco mais de quinze anos, assentasse praça, a primeiro de maio de 1823, na Cavalaria da Legião de Tropas Ligeiras de São Paulo, acompanhando o Regimento de seu pai na luta contra as tropas lusitanas do brigadeiro Dom Álvaro da Costa, estacionadas na Cisplatina, que não aceitavam a Independência do Brasil. Neste mesmo mês, aos treze dias, prestou seu solene compromisso de honra ao pavilhão imperial. Teve o seu batismo de fogo à margem do arroio Miguelete, nas proximidades de Montevidéu, em um combate contra a cavalaria portuguesa.

No ano de 1824, Osorio foi reconhecido como 1º cadete e nomeado alferes em 1º de dezembro do mesmo ano, deixando os voluntários da Cavalaria da Legião de Tropas Ligeiras para ingressar no Exército de 1ª Linha, no 3º Regimento de Cavalaria, sob o comando do coronel José Tomás da Silva. Aos dezessete anos de idade, Manuel Luís decidiu-se definitivamente pela carreira militar.

No período de 1825 a 1827, participou das campanhas da Cisplatina e das províncias Reunidas do Prata. No primeiro conflito, em 12 de outubro, junto ao arroio Sarandi, sob o comando de Bento Manuel, o alferes Osorio combateu os orientais à testa de seus lanceiros e se destacou por salvar a vida de seu comandante. Este feito ensejou o coronel Bento Manuel a declarar: “Hei de legar-lhe a minha lança, alferes, porque a levará aonde a tenho levado”. Essa arma branca pertence ao acervo histórico do 3º Regimento de Cavalaria de Guardas – “Regimento Osorio” – e é empunhada pelos seus comandantes em atividades festivas.

Na campanha contra as províncias Reunidas do Prata destacou-se, na batalha do Passo do Rosário, travada em 20 de fevereiro de 1827, quando seus lanceiros foram o único corpo de tropa brasileira que não foi desbaratado durante a batalha. Em outubro, foi promovido a tenente e participou das negociações de paz e reconhecimento da Independência da República Oriental do Uruguai, acompanhando o general Lécor.

Em 1835, o tenente Osorio estava servindo na Vila de Bagé, quando contraiu matrimônio com a senhora Francisca Fagundes, tendo como padrinho Emílio Mallet, que mais tarde lutaria a seu lado na Campanha da Tríplice Aliança. Ao mesmo tempo irrompia, no extremo Sul do Brasil, a Revolução Farroupilha que perdurou durante dez anos. Sempre foi fiel à integridade do Império e à segurança do trono do infante monarca. Fora de tenente a tenente-coronel no transcurso da guerra, auxiliando Caxias na feitura da paz ansiada, que se selou no dia festivo de 25 de fevereiro de 1845.

Terminada a guerra, o imperador D. Pedro II, ainda muito jovem, decidiu visitar a província do Rio Grande com a intenção de consolidar a paz firmada. Caxias confiou a Osorio a delicada missão: “o 2º Regimento, reorganizado e adestrado pelo próprio Osorio, deveria escoltar o imperador através da campanha, desde a Vila de Cachoeira até São Gabriel, na ida e na volta”. Dom Pedro ficou impressionado com o garbo dos cavalarianos disciplinados e impecáveis no cumprimento da missão.

Participou da campanha contra Oribe em 1851, como tenente-coronel e contra Rosas em 1852. Na batalha de Monte Caseros, ocorrida nos subúrbios de Buenos Aires, à frente do 2º Regimento de Cavalaria, na vanguarda das tropas brasileiras, infligiu ao inimigo o rompimento do seu dispositivo de defesa e comandou decisivas operações de aproveitamento do êxito e perseguição, sendo promovido a coronel em 3 de maio de 1852.

No início de 1855, após breve instalação na guarnição de Jaguarão, Osorio foi nomeado para comandar a fronteira de São Borja. Promovido a brigadeiro-graduado no ano seguinte, logo depois foi incumbido de organizar uma expedição para descobrir ricos ervais, entre os rios Pindaí e Sebolati, no Alto-Uruguai. Com o sucesso na missão, veio a receber, mais tarde, o título nobiliárquico de Marquês do Herval.

A invasão do Mato Grosso e da Mesopotâmia argentina, sem declaração de guerra ou estado de beligerância, levaram a instituição do Tratado da Tríplice Aliança contra o governo de Solano Lopez, em 1º de maio de 1865.

Nesta mesma data, Osorio assumiu o comando e organizou o 1º Corpo do Exército Brasileiro (*Exército do Uruguai),* cujo quartel-general foi instalado em Paissandu, com a missão de prepará-lo para enfrentar o conflito provocado pelo ditador guarani. Iniciou o trabalho, criando hospitais, preparando acampamentos, organizando unidades, preparando

materiais de transporte, armamentos e munições. Utilizou o que existia ou podia ser obtido em Montevidéu e em Buenos Aires.

A tropa foi constituída e ao mesmo tempo sem perda de nenhum instante, foi se instruindo e avançando. Bom conhecedor dos homens, não hesitou em utilizar os mais capazes, sem se deixar embaraçar por considerações subalternas de rotina. Repeliu energicamente os inadequados às suas funções e os menos atentos a seus deveres. Cuidou do material e do moral, exigiu uma disciplina de trabalho consciente, ativa, dedicada e entusiástica.

À Cavalaria, deu-lhes cuidados sem dúvida, mas confiou nos seus homens e nos seus chefes, porque bem os conhecia. Sabia que, formada de gente aguerrida da campanha gaúcha, quase só precisava de meios de ação e de combate.

A Infantaria, porém, constituiu-se de gente do centro e do norte do país, quase toda de recrutas, que jamais manejaram uma arma, organizada em corpos de voluntários improvisados desde os soldados até os chefes, mereceu-lhe atenção especial. Ele teve sob suas ordens um brigadeiro que foi um grande infante – Antônio Sampaio. Aproveitou-o e designou-o com inspetor chefe dessa arma, seu grande instrutor. Deu-lhe toda autoridade e plena responsabilidade para fazer a sua infantaria.

O Exército não tinha engenharia. Osorio aproveitou os oficiais que chegaram e formou companhias de sapadores e pontoneiros. Organizou também um serviço de transportes sob a direção única de um veterano da Campanha, o capitão Machado.

Com os praças que possuía e com os que recebeu, servindo-se da competência de Mallet, seu amigo de luta de longa data, desde os tempos farroupilhas, formou novas baterias e as constitui em um corpo que, em vez das 12 peças do início da campanha do Uruguai, passou a ter 24.

A sua maior dificuldade, entretanto, era contra os erros do governo. Mandou-lhe oficiais sem nenhuma capacidade com seus lugares previamente designados. Osorio não respeitou os arranjos dos apaniguados.

Em 24 de julho de 1865, o exército estava pronto. Em uma revista da tropa encontravam-se em forma 17.000 soldados, com 32 peças de artilharia, bem equipados e uniformizados e já capazes de combater. Isto mostrava o resultado das atividades de Osorio em apenas cinco meses.

Em 8 de julho de 1865, foi promovido a marechal-de-campo, ato de justiça que alegrou e confortou todos os seus subordinados. No dia 18 de setembro, na presença de D. Pedro II, do Conde d'Eu e de vários oficiais generais, entre eles Caxias, Osorio assistiu à capitulação paraguaia em Uruguaiana.

No início de 1866, Osorio estudou com Tamandaré a maneira de transpor o rio Paraná. Na noite do dia 16 de abril, a tropa brasileira realizou a travessia no local conhecido como Passo da Pátria. Em sua ordem do dia, em 15 de abril, declarou: "É fácil a missão de comandar homens livres: basta mostrar-lhes o caminho do dever".

Prosseguindo em solo guarani, Osorio enfrentou ou vivenciou a seguinte sequência de combates e eventos importantes: 2 de maio – combate de Estero Bellaco; 24 de maio – batalha de Tuiuti; 15 de julho – transmitiu o comando da força brasileira ao general Polidoro da Fonseca; 1º de junho de 1867 – foi promovido a tenente-general, penúltimo posto da hierarquia militar; 22 de julho – retomou a vanguarda aliada, agora sob o

comando de Caxias; 25 de julho – ocupou Fortaleza de Humaitá e instalou o quartel general do 3º Corpo de Exército e sua base de operações; 11 de dezembro – foi ferido no rosto durante a batalha do Avaí, fraturando o maxilar, ao tomar a posição de artilharia inimiga; 6 de junho de 1868 – assumiu o comando do 1º Corpo de Exército, estacionado em Piraju, para iniciar à Campanha das Cordilheiras, sob o comando do Conde d'Eu e em 12 de agosto – à frente de sua tropa, assaltou e capturou a praça de Peribebuí, defendida por 1.500 guaranis e 15 bocas de fogo, sendo o primeiro a entrar na praça forte.

No dia 24 de novembro, Osorio deixou em definitivo a campanha, forçado pela piora de sua saúde. No retorno, na passagem por Montevidéu, recebeu a dolorosa notícia do passamento de sua esposa.

Em 5 de agosto de 1871, Manuel Deodoro da Fonseca, um dos que constantemente estiveram ao seu lado nos campos de batalha, entregou-lhe, solenemente, em Porto Alegre, custosa espada de honra, toda cinzelada em ouro e ornada de brilhantes. Em sua lâmina de fino aço, estavam gravadas as batalhas e combates em que heroicamente se empenhara. Era uma obra-prima de ourivesaria, feita no Rio de Janeiro, custeada pelos oficiais que ele comandara na guerra.

A 11 de janeiro de 1877, Osorio foi escolhido pela princesa Isabel para senador do Império, pela província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Em seu discurso de posse no senado declarou: "A farda não abafa o cidadão no peito do soldado". Por decreto de 2 de junho do mesmo ano, foi-lhe outorgada a patente de marechal de campo exército graduado.

A despeito do reconhecimento que lhe fora dispensado, até mesmo pelos inimigos de então, e da popularidade que o transformara em mito nos campos de batalha, Osorio expirou em 4 de outubro de 1879, com a mesma simplicidade que o acompanhara durante toda a vida. Perdia o Brasil, naquele momento, um soldado de trajetória cívico-militar exemplar. Extinguia-se uma das mais valiosas existências, símbolo de um povo, síntese de uma época.

Hoje, o Parque Histórico Osorio, situado na mesma terra que o viu nascer, acolhe os restos do insigne patrono da Arma de Cavalaria.

Em 13 de março de 1962, o Exército Brasileiro reconheceu seu valor e heroísmo e o entronizou, por meio do Decreto nº 51.429, patrono da Arma de Cavalaria.

Leitura complementar

PILLAR, Olyntho. **Os patronos das forças armadas**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981.

MAGALHÃES, João Baptista. **Osorio, síntese de seu perfil histórico**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1978.

www.eb.mil.br. CCOMSEX – **200 anos** – general Osorio – Uma trajetória Exemplar de Soldado.

VALOR(ES), ATRIBUTO(S), E DEVER(ES) A SER(EM) TRABALHADO(S): AMOR À PROFISSÃO, CORAGEM, DISCIPLINA, RESPEITO À HIERARQUIA, ESPÍRITO DE CORPO, FÉ NA MISSÃO DO EXÉRCITO, LEALDADE, PATRIOTISMO, PROBIDADE, RIGOR NO CUMPRIMENTO DOS DEVERES, TRATO DO SUBORDINADO COM DIGNIDADE E BRAVURA.

ARMAS, QUADROS E SERVIÇOS DO EXÉRCITO



PATRONO DA ARMA DE ARTILHARIA
MARECHAL EMÍLIO LUÍS MALLET



ORIGENS

Emílio Luís Mallet nasceu em 10 de junho de 1801, em Dunquerque, França. Descendente da antiga família anglo-normanda, é filho de Jean Antoine de Mallet e Julie Marie Joseph Denys de Montfort, sua esposa, foi o mais moço dos cinco de sua prole. Em 1818, com apenas dezessete anos de idade, desembarcava em terras brasileiras o moço gaulês que iria merecer do imperador D. Pedro I, sob os ardores da Independência recém-proclamada, o convite para alistar-se nas fileiras do Exército nacional, em vias de organização, o que fez em 13 de novembro de 1822. O monarca o conhecia pessoalmente e não lhe ignorava a vocação para a carreira das armas. Assentou praça como 1º cadete, "ficando dispensado das provanças e habilitações do estilo", conforme reza sua brilhante fé de ofício, na Brigada de Artilharia a Cavalo da Corte, em atenção a sua nobre ascendência.

O SOLDADO

Em 1823, matriculou-se na Academia Militar do Império. Como já possuía os cursos de Humanidades e Matemática, adquiridos na Escola Militar de Saint-Cyr (França), foi-lhe dado acesso ao curso de Artilharia, que concluiu em dois anos. Nesse mesmo ano, jurou a Constituição do Império, adquirindo a nacionalidade brasileira (Mallet nunca naturalizou-se, foi, entretanto, reconhecido como possuidor de nossa nacionalidade pelo Conselho Supremo Militar).

Em 12 de outubro de 1823, foi nomeado 2º tenente de artilharia, sendo mandado servir na Companhia de Mineiros do Corpo de Artilharia Montada da Corte, como agregado, podendo, assim, prosseguir na Academia.

Em 17 de fevereiro de 1825 foi promovido ao posto de 1º tenente, por estudos, continuando a cursar a Academia, a fim de concluir o currículo almejado.

Foi na Guerra Cisplatina (1825-1828), que o jovem Mallet recebeu seu batismo de fogo, comandando uma fração de artilharia. Revelou sangue frio, inteligência privilegiada

e extremada bravura, valores militares que seriam seu apanágio e o fariam respeitado por sua tropa, aliados e inimigos.

Em 1831, foi demitido do serviço ativo "por não ser brasileiro nato", passando a dedicar-se às atividades rurais. Entretanto, com a eclosão da Revolução Farroupilha, foi convocado em 1837 para lutar sob as ordens de Caxias, recebendo o posto de major da Guarda Nacional. Terminado o conflito, foi desmobilizado e retornou às atividades civis. Em 1851, novamente foi chamado por Caxias, reintegrado ao Exército Imperial no posto de capitão para lutar nas Guerras contra Oribe e Rosas. Entre 1864 e 1865, participou da campanha contra Aguirre no Uruguai.

Mallet fez toda a Guerra da Tríplice Aliança acompanhado por seus três filhos. No comando do 1º Regimento de Artilharia a Cavalo teve atuação decisiva na Batalha de Tuiuti, travada em 24 de maio de 1866. A eficiência e eficácia de suas guarnições valeram a essas o apelido de "a Artilharia Revólver". Soma-se a isto a astuciosa decisão de proteger as peças com um largo e profundo fosso, sendo Mallet um dos responsáveis por impedir o avanço das tropas paraguaias sobre o centro do dispositivo aliado, garantindo a vitória, ao final.

Seguiu na carreira militar e alcançou todos os postos, chegando a general de exército.

O general OLynto Pillar, autor da obra clássica *Os patronos das Forças Armadas* (1981), grande apreciador das qualidades do nobre marechal, assim o descreveu:

> Foi um paradigma de militar honrado e vigoroso, soberbo tipo de chefe idôneo, espírito reto e ordeiro, caráter impoluto e magnânimo. O justo laurel que lhe coube de patrono da Arma de Artilharia é prêmio que a outrem não poderia tocar, pois ninguém o igualou na defesa do Brasil nos sangrentos combates em que aquela arma foi lançada, na qual se especializou, chegando a ser o magnífico baluarte do Império, que o Exército fez incluir, em boa hora, na galeria imortal de seus heróis.

Em 2 de Janeiro de 1886, aos 84 anos, o marechal Mallet expirava na espaçosa casa de seu filho mais moço, o tenente-coronel João Nepomuceno de Medeiros Mallet, na rua Voluntários da Pátria, no Rio de Janeiro, para onde viera em março do ano anterior (1885) em busca de melhores recursos médicos.

Encontra-se sepultado em um monumento construído no quartel do "Regimento Mallet", em Santa Maria, Rio Grande do Sul. Em 13 de março de 1962, por meio do Decreto nº 51.429, o soldado Emílio Luís Mallet foi entronizado e eternizado como patrono da Artilharia do Exército Brasileiro.

Leitura complementar

ALVES, Joaquim Vitorino Portela Ferreira. **Mallet:** patrono da Artilharia. 2. edição. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1995.

PILLAR, Olyntho. **Os patronos das forças armadas**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1981.

RAMIREZ, Luiz Carlos.**Vultos históricos nacionais**. Resende: Editora Acadêmica, 2008.

VALOR(ES), ATRIBUTO(S), E DEVER(ES) A SER(EM) TRABALHADO(S): CORAGEM, DISCIPLINA, RESPEITO À HIERARQUIA, ESPÍRITO DE CORPO, FÉ NA MISSÃO DO EXÉRCITO, LEALDADE, PATRIOTISMO, RIGOR NO CUMPRIMENTO DOS DEVERES E TRATO DO SUBORDINADO COM DIGNIDADE.



PATRONO DA ARMA DE ENGENHARIA
TENENTE-CORONEL JOÃO CARLOS DE VILAGRAN CABRITA



ORIGENS

Nasceu a 30 de dezembro de 1820, na cidade de Montevidéu, na Banda Oriental do rio Uruguai, sob o nome de província da Cisplatina, integrante do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, desde 20 de janeiro de 1817. Era filho do major Francisco de Paula Avelar Cabrita e de D. Apolônia de Vilagran Cabrita, de origem castelhana. A separação política da Cisplatina do Império do Brasil, com o surgimento da República Oriental do Uruguai, determinou a migração da família Vilagran para a Corte no Rio de Janeiro.

O SOLDADO

Em 13 de janeiro de 1840, assentou praça no Exército Imperial, passando a gozar das vantagens que possuíam os filhos de militares naquela época. Em 5 de fevereiro desse mesmo ano, recebeu o título de cadete de 1ª classe.

Em 1º de março foi matriculado na Escola Militar da Corte, sendo declarado alferes-aluno em 2 de dezembro de 1842. Em 1844, já como 1º tenente, participou da missão de manutenção da lei e da ordem em Pernambuco. Retornando a cidade do Rio de Janeiro, onde concluiu a sua graduação em engenharia.

Em 1851 e 1852, agora como capitão, foi designado instrutor de artilharia na missão de instrução brasileira no Paraguai.

Em 1855, participou da criação e dos primeiros anos de implantação do Imperial Batalhão de Engenheiros, exercendo todas as funções privativas de capitão e major, na Fortaleza de São João e na Praia Vermelha, ambos localizados na cidade do Rio de Janeiro.

Em dezembro de 1864, apresentou-se para integrar Batalhão de Engenheiros na campanha contra Aguirre no Uruguai. Em 20 de fevereiro do ano seguinte, testemunhou a capitulação do ditador oriental, em sua terra natal.

A invasão do Mato Grosso e da Mesopotâmia argentina, sem declaração de guerra ou estado de beligerância, levaram a instituição do Tratado da Tríplice Aliança contra o governo de Solano Lopez, em 1º de maio de 1865.

O Batalhão de Engenheiros, em junho desse mesmo ano, tendo o tenente-coronel Villagran Cabrita como fiscal administrativo, partiu de seu quartel na Praia Vermelha para o Teatro de Operações do Sul, vindo a empenhar-se em sérios embates no final daquele ano.

A partir de 24 de julho de 1865, Villagran Cabrita assumiu interinamente, o comando de sua unidade e vivenciou as travessias do rio Mocoretá, de 27 a 29 de setembro, e do Mandisovi, em 30 daquele mês.

No dia 20 de outubro de 1865, em Mercedes, na Argentina, Villagran foi efetivado no comando e prosseguiu apoiando o Exército de Osorio na marcha para a fronteira guarani. Nesse mister, sua tropa reparou os precários caminhos e lançou meios flutuantes, na maioria das vezes improvisados, com finalidade de transpor, sucessivamente, o rio Correntes e Santa Lúcia, em 3 e 25 de novembro, respectivamente.

No dia 20 do mês seguinte, após o penoso deslocamento de 500 quilômetros, por caminhos intransitáveis e tempo inclemente, o Batalhão de Engenheiros acampou na região de Laguna Brava, a seis quilômetros a leste de Correntes. Aí permaneceu por mais de cinquenta dias, sob as ordens do Marquês do Herval, com a missão de construir instalações para a tropa, um hospital, uma fábrica de cartuchos e cooperar na reunião de material para a transposição do rio Paraná.

Em 10 de fevereiro de 1866, Cabrita deslocou o Batalhão para a região de *Talá Corá*, distante 12 quilômetros, para ocupar uma zona de reunião final do material de engenharia, (ZRFME) mais próxima da margem do rio a ser transposto. Neste local, prosseguiu na reunião dos meios para a operação e iniciou a construção de quatro locais de embarque (trapiches) para a tropa e animais nos navios da esquadra.

A partir deste acampamento, Villagran realizou os reconhecimentos dos passos da Pátria, de Itapirú e de Itati, com o objetivo de colher dados sobre o terreno e assessorar o estudo de situação do comando aliado para a difícil e polêmica decisão quanto à escolha da frente de transposição e local de desembarque.

Àquela altura, o Passo da Pátria foi a área de travessia selecionada. Na margem paraguaia, o Forte de *Itapiru* pairava imponente e, do lado argentino, a imensa planície da província de Corrientes proporcionava excelentes posições de artilharia. Quase no meio do rio, na frente do forte, existia uma ilha circular (457 metros) – na verdade um banco de areia – coberta por vasto capinzal.

Villagran Cabrita desembarcou naquele local, na madrugada de 6 de abril de 1866, com seu batalhão de 900 homens, 4 canhões *La Hitte* e 4 morteiros, indo juntar-se ao 7º Corpo de Voluntários da Pátria (7º CVP), ao 14º Provisório de Infantaria e aos voluntários das províncias do Norte.

Os paraguaios foram surpreendidos, ao amanhecer o dia, vendo que a ilha estava ocupada e imediatamente, romperam fogo do Forte *Itapiru* sobre a ilha. O inimigo não se contentava com a ocupação da ilha, e continuou bombardeando e metralhando a tropa de Villagran durante todo o dia seguinte.

No dia 9 de abril, o general Osorio resolveu trocar a guarnição da ilha, em face de já ter passado quatro dias sem praticamente dormir sob artilharia inimiga. Contudo, Vilagran pediu para que a sua tropa não fosse substituída até a vitória final e se manteve na ilha.

No dia 10, os guaranis atacaram o banco de areia, às quatro horas da manhã, enviando uma força de 1.200 homens em 50 canoas. A missão era envolver a ilha pelos flancos e liquidar a guarnição.

Villagran, alertado por um dos vigias, subiu às trincheiras e logo entendeu o plano paraguaio. A terra foi regada com o sangue dos soldados inimigos que, apesar de terem combatido com uma tenacidade indômita, tiveram que recuar, muitos se jogando no rio vindo a se afogar, e outros galgando as canoas, que eram metralhadas pela nossa defesa.

Às seis horas da manhã, o combate estava concluído; os paraguaios deixaram no campo de batalha 640 mortos, além dos afogados e os que pereceram nas canoas, mortos pela esquadra brasileira. Os soldados brasileiros recolheram mais de 700 espingardas com numerosa munição, grande número de espadas e 14 canoas.

Declarada a vitória, houve no acampamento um contentamento geral, com brados de saudação e de júbilo. Villagran Cabrita e aqueles oficiais que mais se distinguiram foram vivamente aclamados e festejados pelos soldados, mesmo ainda ameaçados pelas baterias do Forte de *Itapiru*, subiam nas trincheiras e bradavam: VIVA A NAÇÃO BRASILEIRA!

O general Osorio mandou um emissário cumprimentar Villagran pela vitória. O combate fez o inimigo compreender que tinha de lutar com um povo forte e destemido. Foi uma das primeiras vitórias que lustraram as armas do Império do Brasil.

Aproximadamente às doze horas da manhã, uma granada disparada do Forte de *Itapiru*, penetrou na chata, colocada entre a ilha e o nosso acampamento, em que se encontrava o alferes Woolf, o tenente Carneiro da Cunha, o major Sampaio e o tenente-coronel Villagran Cabrita. Os dois primeiros ficaram mutilados enquanto que os dois últimos perderam a vida. O comandante do Batalhão de Engenheiros redigia inebriado de alegria, a ordem do dia que devia comemorar o feito que o imortalizara, quando pereceu instantaneamente.

Justas homenagens foram prestadas à memória do bravo combatente, destacando-se a concessão da insígnia de Cavaleiro da Ordem de Cristo pelo governo imperial. Entre outras, uma unidade do Exército Brasileiro, o 1º Batalhão de Engenharia de Combate – Batalhão Escola de Engenharia, sediado em Santa Cruz, no Rio de Janeiro/RJ, recebeu o glorioso nome de Villagran Cabrita e a honra de manter acesa a chama do heróico Batalhão de Engenheiros.

É por demais justa a escolha dessa figura imortal para o patronato da Arma de Engenharia, (Decreto 51.429, de 13 de março de 1962), cujo símbolo – o castelo lendário – perpetua o trabalho dos seus integrantes e abriga, como um templo, as tradições e os feitos do seu ilustre patrono.

Leitura complementar

PILLAR, Olyntho. **Os patronos das forças armadas**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1981.
NASCIMENTO, Luiz Augusto Rocha do. **Passo da Pátria, a Normandia Sul-Americana**. Rio de Janeiro: REB. vol 152 - 3º Q – Ed. Especial. 2016.

VALOR(ES), ATRIBUTO(S), E DEVER(ES) A SER(EM) TRABALHADO(S): CORAGEM, DISCIPLINA, RESPEITO À HIERARQUIA, ESPÍRITO DE CORPO, HONESTIDADE, INTEGRIDADE, LEALDADE, PATRIOTISMO E CUMPRIMENTO DOS DEVERES.

ARMAS, QUADROS E SERVIÇOS DO EXÉRCITO



PATRONO DA ARMA DE COMUNICAÇÕES
MARECHAL CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON



ORIGENS

Cândido Mariano da Silva Rondon nasceu em 5 de maio de 1865, em Mimoso, próximo a Cuiabá, Mato Grosso. Filho de Cândido Mariano da Silva e Claudina de Freitas Evangelista da Silva. Perdeu o pai antes de seu nascimento e a mãe quando tinha dois anos de vida, tendo sido então criado pelo avô e por um tio, de quem herdou e incorporou o sobrenome "Rondon". Muito cedo Rondon despertou seu pendor para a carreira das armas, ingressando na Escola Militar da Praia Vermelha aos dezesseis anos de idade. Em 1888, foi promovido a alferes (posto correspondente hoje a aspirante a oficial).

O SOLDADO

Durante sua vida, Rondon dedicou-se a duas causas mestras: a ligação dos mais afastados pontos da fronteira e do sertão brasileiro aos principais centros urbanos e a integração do indígena à civilização. Somente uma ou outra tarefa teria bastado para justificar o nome de Rondon na história. Mas o ilustre militar foi muito além.

Na primeira empreitada, Rondon desbravou mais de 50.000 quilômetros de sertão e estendeu mais de 2.000 quilômetros de fios de cobre pelas regiões do país, ligando as mais longínquas paragens brasileiras pela comunicação do telégrafo. Como indigenista, pacificou tribos, estudou os usos e costumes dos habitantes dos lugares percorridos, participou da criação de medidas legais de proteção aos silvícolas. Tanto que, em 7 de setembro de 1910, foi nomeado diretor da Fundação do Serviço de Proteção aos Índios, precursora da atual Fundação Nacional de Assistência ao Índio, em face do muito que já realizara e da estatura moral e intelectual patenteada em toda sua carreira.

Além dessas conquistas, as expedições de Rondon também contribuíram para que 15 novos rios viessem a figurar em nossos mapas, como resultado de suas explorações fluviais; o Museu Nacional enriqueceu-se com 20.000 exemplares de nossa fauna e flora, devidamente inventariados; a enorme área de 500.000 quilômetros quadrados foi

integrada ao espaço brasileiro; e foram compilados, em um total de 70 volumes, relatórios alusivos à Biologia, Geologia, Hidrografia e todos os aspectos das regiões antes desconhecidos.

O reconhecimento da obra de Rondon extrapolou as fronteiras do Brasil. Teve a glória de ter seu nome escrito em letras de ouro no Livro da Sociedade de Geografia de Nova Iorque, como o explorador que adentrou mais profundamente em terras tropicais, ao lado de outros imortais como Amundsen e Pearry, descobridores dos pólos Norte e Sul; e Charcot e Byrd, exploradores que mais profundamente penetraram em terras árticas e antárticas.

A inclusão de Rondon entre os grandes líderes brasileiros deve-se ao seu sentimento humanitário, desprendimento, tenacidade, coragem e pioneirismo. Colocou os indígenas sob proteção do Exército, conseguindo, em 1910, que essa proteção fosse institucionalizada. Também incluiu nessa condição trabalhadores desamparados, propugnando por medidas que os protegessem. Por essas iniciativas teve o reconhecimento internacional em 1913, pelo Congresso das Raças, em Londres e da Organização Internacional do Trabalho, em 1957. Em 1939, foi nomeado presidente do Serviço Nacional de Proteção ao Índio. Toda sua obra de convencimento pelo exemplo, ação e coerência fez com que o Estado se comprometesse com a efetiva proteção ao indígena.

Rondon foi o grande integrador nacional, indigenista pioneiro na ação de proteção, quando essa ideia ainda não estava disseminada na humanidade, explorador de prestígio internacional, cientista e soldado exemplar. Foi tão grande quanto à extensão do Brasil. Seu lema: “Morrer se preciso for, matar nunca”, adotado na pacificação dos índios brasileiros o imortalizou em nossa história.

Na sessão solene do Congresso Nacional de 5 de maio de 1955, já com 90 anos, Rondon recebeu as insígnias do posto de marechal. Faleceu, no Rio de Janeiro, em 19 de janeiro de 1958, aos 92 anos.

A tenacidade, a dedicação, a abnegação e o altruísmo, atributos marcantes de sua personalidade, o fizeram merecedor, com indiscutível justiça, do título de patrono da Arma de Comunicações do Exército Brasileiro (Decreto 51.960, de 26 de abril de 1963), sendo sua data natalícia tomada como o Dia Nacional das Comunicações.

Leitura complementar

FONSECA , Aurelio Cordeiro da; RESENDE, Tatiana Matos. **As cadernetas de Rondon**: testemunhos de uma epopéia pelos sertões do Brasil. Rio de Janeiro: FUNCEB, 2010.

PILLAR, Olyntho. **Os patronos das Forças Armadas**. Rio de Janeiro: BIBLIEx:1981.

RAMIREZ, Luiz Carlos (org.). **Vultos históricos nacionais**. Resende: Editora Acadêmica, 2008.

VALOR(ES), ATRIBUTO(S), E DEVER(ES) A SER(EM) TRABALHADO(S): AMOR À PROFISSÃO, CORAGEM, DISCIPLINA, RESPEITO À HIERARQUIA, ESPÍRITO DE CORPO, HONESTIDADE, INTEGRIDADE, LEALDADE, PATRIOTISMO, PROBIDADE, RIGOROSO CUMPRIMENTO DOS DEVERES, TENACIDADE, DEDICAÇÃO, ABNEGAÇÃO E ALTRUÍSMO.



PATRONO DO QUADRO DE MATERIAL BÉLICO
MARECHAL CARLOS ANTÔNIO NAPION



ORIGENS

Filho do senador Conde Valeriano e D. Madalena Meistre, nasceu em Turim, capital da província italiana de Piemonte, em 30 de outubro de 1756, aquele que viria a emprestar força de sua cultura técnica-especializada aos exércitos de três países. Em plena puberdade, mal egresso das primeiras letras, o jovem Carlo Gerolano Antonio Maria Galeani Napione Cavaliere di Cocconato - Carlos Antônio Napion (nome que assinava em Portugal e no Brasil) envergava, aos quinze anos, garbosamente, a túnica de cadete do Corpo Real de Artilharia, no dia 16 de novembro de 1771. Quatro anos após, em 15 de maio de 1775, ascendia a subtenente e em 15 de outubro do ano seguinte, foi promovido a lugar-tenente do mesmo Corpo Real de Artilharia, de onde nunca se afastaria.

O SOLDADO

A partir de 1800, passou a prestar serviços ao Exército do Reino de Portugal e, em 1808, veio para o Brasil com o príncipe regente D. João, durante a transmigração da Corte Portuguesa.

No Brasil, por indicação de Rodrigo de Souza Coutinho, o Conde de Linhares, recebeu a missão de lançar as bases e promover o desenvolvimento da indústria bélica nacional e do ensino militar.

Assaz estudioso, dedicando-se à Química e à Metalurgia, por merecimento, teria concorrido para que, em 23 de fevereiro de 1784, Napion se visse galgado ao posto de capitão-tenente da Artilharia Provincial.

Em 1785, foi incumbido de organizar um trabalho para um curso teórico-prático de Química destinado aos oficiais de artilharia em serviço no Laboratório Metalúrgico do Arsenal (Regulamento de 15 de outubro de 1785). O desempenho das funções nesse posto foi tão louvável, que teve seu nome justamente sugerido para professor de Metalurgia, proposta logo aprovada pelo rei, consoante a Declaração de 30 de março de 1786.

Em 16 de agosto de 1790, foi promovido a capitão do Corpo Real de Artilharia, vindo a exercer o alto cargo de diretor do Laboratório Metalúrgico. De seu imenso descortino muito lucrou esse estabelecimento técnico militar. No período em que permaneceu no posto, coube-lhe, inclusive, dirigir com rara proficiência o Museu Mineralógico e desempenhou as importantes funções de Conselheiros do Real Conselho de Minas.

Com dinamismo, descortino e objetividade, esse notável militar lançou as sementes do ensino e da indústria militar brasileira. Atingiu o posto de tenente-general, o último da hierarquia militar no Brasil, no qual veio a falecer em 22 de junho de 1814, quando presidia a Junta da Real Academia Militar.

Exerceu diversos cargos no Brasil, dentre eles: inspetor geral da Real-Junta de Fazenda dos Arsenais, Fábricas e Fundições; diretor do Arsenal Real do Exército; diretor e organizador da Real Fábrica de Pólvora da Lagoa; inspetor geral de Artilharia; membro do Conselho Supremo Militar; inspetor e fiscal da Real Fábrica de Ferro de São João de Ipanema; e presidente da Junta Militar da Academia Real Militar.

Dentre seus trabalhos, destacaram-se o esforço que empreendeu nos primórdios da industrialização do país, os livros técnicos que escreveu e a grande contribuição ao ensino militar, com a criação da Academia Real Militar, *cellula mater* da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN).

A implantação da indústria bélica em nosso meio deveu-se, sem dúvida, ao ingente esforço do notável engenheiro italiano que nunca se arredou da missão patriótica atribuída pelo ilustre soberano português. Seria, pois, em face do logrado, muito de esperar-se, em prol da grandeza das Forças de terra e, sobretudo, da Engenharia Industrial do Exército, onde lhe coube planejar, organizar e até dirigir as primeiras fábricas de material bélico, que guardam na galeria de seus antigos dirigentes a efígie veneranda de Napion, não fora haver cerrado os olhos à luz terrena aos 27 dias do mês de junho de 1814, na cidade do Rio de janeiro. Seus restos mortais foram sepultados no Convento de Santo Antônio.

Essa preciosa e útil existência não poderia ser jamais olvidada, como realmente não o foi através dos tempos. Ao contrário, cada vez mais reverenciada pelos que o seguiram, em 12 de agosto de 1966 seu nome foi justamente escolhido, por meio do Decreto nº 59.068, para patrono do Quadro de Material Bélico.

Leitura complementar

GUIMARÃES, Fernando José Campos; MEDEIROS, Alexandre Marques de. **Napion**: revolucionário do ensino e da indústria militar brasileira. Rio de Janeiro: Escola de Material Bélico, 2008.
PILLAR, Olyntho. **Os patronos das forças armadas**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1981.
RAMIREZ, Luiz Carlos (org.). **Vultos históricos nacionais**. Resende: Editora Acadêmica, 2008.

VALOR(ES), ATRIBUTO(S), E DEVER(ES) A SER(EM) TRABALHADO(S): AMOR À PROFISSÃO, APRIMORAMENTO TÉCNICO-PROFISSIONAL, FÉ NA MISSÃO DO EXÉRCITO, INTEGRIDADE, LEALDADE, PROBIDADE E RIGOROSO CUMPRIMENTO DOS DEVERES.



PATRONO DO SERVIÇO DE INTENDÊNCIA
MARECHAL CARLOS MACHADO BITENCOURT



ORIGENS

Nasceu em 12 de abril de 1840, em Porto Alegre. Filho do brigadeiro Jacinto Machado Bitencourt e de dona Ana Maurícia da Silva Bitencourt. Desde a infância, já demonstrava pendor para a carreira das armas a que pertencera seu avô paterno, o bravo major Camilo Machado de Bitencourt, sucumbido gloriosamente por ocasião do ataque ao reduto de São Carlos, na segunda campanha da Cisplatina. Esses exemplos de amor à Pátria e coragem cívica o entusiasmaram e o impeliram às fileiras do Exército. Assentou praça em 1º de janeiro de 1857, com dezessete anos.

O SOLDADO

Galgou por mérito todos os postos de uma brilhante carreira e viveu a honrosa situação de combater na Guerra da Tríplice Aliança.

Bitencourt destacou-se como encarregado da logística nas operações desenvolvidas pelo Exército contra os insurretos de Canudos. Recém-empossado como ministro da Guerra, no governo de Prudente de Morais, interveio pessoalmente na campanha, cujo óbice maior era a ausência de uma cadeia de suprimentos. Organizou e sistematizou o transporte de pessoal e material, tornando efetivo e contínuo o fluxo de reabastecimento das tropas, o que possibilitou a derrota dos rebelados. Sua brilhante atuação foi essencial para o resultado final daquele conflito.

Com sua ação, comprovou a necessidade de existência de um serviço de intendência estruturado, equipado e adestrado, a fim de prestar o apoio logístico às tropas que lá combatiam, primando pela oportunidade e pela eficiência e garantindo, assim, o sucesso operacional após três expedições inócuas.

Sua atuação proativa possibilitou a derrota dos rebelados naquele conflito, com vitória total para as Forças Federais, menos de dois meses depois de sua chegada.

Em 5 de novembro de 1897, forças que lutaram no sertão baiano desembarcaram do navio Espírito Santo e foram recepcionadas pelo presidente da República. Durante as

honras militares, saiu das fileiras do 10º Regimento de Infantaria, o anspeçada (na ocasião, uma graduação entre soldado e cabo) Marcelino Bispo de Melo, armado com um punhal e claro objetivo de investir contra o presidente. Ao perceber a ameaça, Bitencourt colocou-se entre o soldado e o chefe do Executivo. Em ato heróico, protegeu Prudente de Morais com o ônus da própria vida.

Após 40 anos de relevantes serviços, a morte do marechal Bitencourt, consternou o país. O seu legado a todos os brasileiros foram os exemplos incontestes de devotamento à carreira militar e à Pátria, fazendo-o merecedor da homenagem póstuma de ser instituído "patrono do Serviço de Intendência", por meio do Decreto nº 51.429, de 13 de março de 1962.

Sagaz combatente e valoroso soldado, Bitencourt foi um exemplo ímpar das virtudes que dignificam a profissão militar. Seus restos mortais e de sua esposa encontram-se em um mausoléu no quartel do 1º Depósito de Suprimentos, no bairro de Triagem, na cidade do Rio de Janeiro.

Leitura complementar

PILLAR, Olyntho. **Os patronos das forças armadas**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981.

PERSONAGEM de nossa História: marechal Carlos Machado Bitencourt. **Verde Oliva**. Brasília: CCOMSEx, ano XLII nº 228, p. 70, jul 2015.

VALOR(ES), ATRIBUTO(S), E DEVER(ES) A SER(EM) TRABALHADO(S): AMOR À PROFISSÃO, CORAGEM, ESPÍRITO DE CORPO, FÉ NA MISSÃO DO EXÉRCITO, HONESTIDADE, INTEGRIDADE, LEALDADE, PATRIOTISMO, E RIGOR NO CUMPRIMENTO DOS DEVERES.

ARMAS, QUADROS E SERVIÇOS DO EXÉRCITO



PATRONO DO QUADRO DE ENGENHEIROS MILITARES
CORONEL RICARDO FRANCO DE ALMEIDA SERRA



ORIGENS

Ricardo Franco de Almeida Serra, português, nascido no ano de 1748, filho de José Leitão de Almeida, formado aos dezoito anos, na Academia Militar de Portugal em engenharia e infantaria, aportou no Brasil em 1780. Esse engenheiro-soldado, cartógrafo, geógrafo e astrônomo tornou-se um dos expoentes do desbravamento e da defesa do imenso território brasileiro nas regiões Norte e Centro-Oeste, tendo feito desde o mapeamento dessas regiões a obras de engenharia.

O SOLDADO

Já completava quinze anos nas selvas brasileiras, sem férias ou retorno a Portugal, quando chegou a Coimbra, na província do Mato Grosso. Desenhou um novo forte que, de maneira inteligente, aproveitava o morro e as pedras do lugar, e fugia das formas tradicionais portuguesas. No meio do Pantanal, Ricardo Franco era comandante, mestre de obras, engenheiro, catequista dos índios, conselheiro e juiz.

Estava a obra em processo de construção, faltando ainda a parede norte e as instalações internas, quando chegou a notícia que o governador espanhol, D. Lázaro Ribeira, estava subindo o rio, disposto a modificar os tratados pela força. Conta-se que a notícia foi trazida pelo índio Nixinica, que teria remado 500 quilômetros para avisar os portugueses. O governador espanhol esperava ocupar o forte com rapidez, subir o rio, invadir espaços e forçar novas negociações, que certamente passariam largas faixas de terra para a Espanha. Seria fácil e rápido, pois levava 4 navios, 12 canhões e 900 combatentes.

O que D. Lázaro não contava era com a coragem dos defensores do Forte de Coimbra. À frente de 49 militares e 60 civis, Ricardo Franco respondeu com orgulho à proposta de rendição, escrevendo que os portugueses escolhiam “*... repelir o inimigo ou sepultar-se debaixo das ruínas do forte que lhes confiaram...*”.

Nove dias de tiroteio e combate desigual. Os espanhóis não conseguiram nem ocupar o Forte, nem seguir rio acima. O período de conflito consumiu muita munição e deixou a alimentação escassa, o que contribuiu para a decisão do inimigo espanhol em recuar. O engenheiro que idealizou e construiu o Forte também lhe deu a primeira vitória.

Sua coragem foi premiada com a promoção a coronel. Como coronel, por duas vezes, governou a província de Mato Grosso. Mas sempre voltava a Forte Coimbra, local onde veio a falecer, em 21 de fevereiro de 1809, e onde encontra-se sepultado até hoje. O Decreto nº 94.445, de 12 de junho de 1987, em justa homenagem, o institui patrono do Quadro de Engenheiros Militares.

Leitura complementar

MELO, Raul Silveira de. **Um homem do dever** – coronel Ricardo Franco de Almeida Serra. 2ª Ed. CAMPESTRINI. Hildebrando. (org). Campo Grande: IHGMS.

MINEIRO, Francisco José. **Ricardo Franco, pantaneiro herói mesmo**! Revista Destaque**.** Campo Grande: (s. ed.), março, 2016.

VALOR(ES), ATRIBUTO(S), E DEVER(ES) A SER(EM) TRABALHADO(S): BRAVURA, CORAGEM, HONESTIDADE, INTEGRIDADE, LEALDADE, PROBIDADE, RIGOROSO CUMPRIMENTO DOS DEVERES E TENACIDADE.



PATRONO DO SERVIÇO DE SAÚDE GENERAL DE BRIGADA JOÃO SEVERIANO DA FONSECA



ORIGENS

João Severiano da Fonseca foi o sétimo filho da família Fonseca, nascido em Alagoas em 27 de maio de 1836. João Severiano viajou para o Rio de Janeiro aos seis anos de idade, onde a família passou a morar, continuando seus estudos primários na nova cidade e, após 1851, preparou-se para o ingresso na Faculdade de Medicina da Corte, realizado em 1853. Concluiu o curso de médico no ano de 1858, em uma turma de 50 jovens, para alegria de seus pais Manoel Mendes da Fonseca e Rosa Maria Paulina da Fonseca.

O SOLDADO

Seis dos irmãos já eram militares quando, finalmente, entrou para o Corpo de Saúde do Exército em 1862. Na Guerra do Paraguai, encontrou seus irmãos em Montevideo, onde exerceu suas habilidades médicas com os feridos. Esteve em diversos locais, sob o comando de diversos patronos, como Caxias por exemplo.

Tomou parte na Campanha do Uruguai, apresentando-se como voluntário, embora doente e ainda em licença para tratamento. De substancial valor foi seu desempenho em Salto e Paissandu, marcos iniciais de um ciclo glorioso, que prosseguiria na Guerra da Tríplice Aliança.

Ao longo desse conflito, não lhe faltaram louvores em profusão de seus chefes, assinalando a excelência do serviço prestado ou da tarefa bem cumprida. Inúmeras foram as condecorações que recebeu, sendo o único oficial do Corpo de Saúde condecorado com a Ordem do Cruzeiro. É, dos filhos de Manoel e Rosa da Fonseca, o mais agraciado em documentos, registros e contos da época. Integrou, também, a Academia Real Militar, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a Associação dos Homens de Letra e a Sociedade União Militar. Recebeu, ainda, diversos outros títulos, inclusive internacionais.

Fez toda a Campanha da Tríplice Aliança vivenciando e sofrendo as dificuldades impostas pelas condições climáticas, que variavam do intenso calor no verão às chuvas

prolongadas na primavera e ao intenso frio do inverno. Como se isso não bastasse, tratou dos acometidos pelas epidemias de varíola e cólera, lutando contra a precariedade do estado sanitário da tropa. Aplicou-se, incansavelmente, contra os piores inimigos da guerra, que eram as doenças infecto-contagiosas. No decorrer de toda a guerra, estava o patrono sempre zeloso, humanitário e inteligente.

Terminado o conflito, foi colocado à disposição do "Ministério dos Estrangeiros", a fim de fazer parte da Comissão de Limites entre o Brasil e a Bolívia.

Eclético e dotado de invejável inteligência, soube o Dr. Fonseca coligir incontáveis observações, especialmente de caráter científico, no decurso de seus três anos de peregrinações através das províncias limítrofes com a Bolívia. Esse repositório de observações constituiria, mais tarde, matéria para o seu precioso livro "Viagem ao redor do Brasil".

Promovido a general-de-brigada em 1890, chegou ao mais alto cargo do Corpo de Saúde, com o título (da época) de inspetor-geral do Serviço de Saúde do Exército. Afastou-se da ativa quando eleito senador, retornando à inspetoria-geral em novembro de 1895.

O general João Severiano da Fonseca faleceu em 1897, no Rio de Janeiro. Sua insigne figura foi escolhida patrono do Serviço de Saúde em 1940, a qual foi homologada em Decreto de 13 de março de 1962.

Leitura complementar

PILLAR, Olyntho. **Os patronos das forças armadas**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981.

SILVA, Alberto Miranda da. **Rosa da Fonseca e seus filhos.** 1ª Ed. Brasília: 2013.

VALOR(ES), ATRIBUTO(S), E DEVER(ES) A SER(EM) TRABALHADO(S): AMOR À PROFISSÃO, CORAGEM, DISCIPLINA, RESPEITO À HIERARQUIA, HONESTIDADE, INTEGRIDADE, LEALDADE, PATRIOTISMO, PROBIDADE, RIGOR NO CUMPRIMENTO DOS DEVERES E TRATO DO SUBORDINADOS COM DIGNIDADE.



PATRONO DO SERVIÇO DE VETERINÁRIA
CORONEL JOÃO MUNIZ BARRETO DE ARAGÃO



ORIGENS

Aos dezessete dias do mês de junho do ano de 1874, em Santo Amaro/BA, nascia João Moniz Barreto de Aragão. Filho legítimo dos Barões de Mataripe, Antônio Moniz Barreto de Aragão e D. Maria Ana Tereza de Jesus Pires de Carvalho e Albuquerque.

Na infância e adolescência, João freqüentou os melhores colégios soteropolitanos, cursando e concluindo, com brilho, o curso secundário. Matriculou-se na tradicional Faculdade de Medicina da Bahia, cujos bancos frequentou com excelente aproveitamento. Quase ao término do curso acadêmico, na derradeira série curricular, interrompia o ano letivo e, seguido de alguns colegas, se apresentava ao comandante do 3º Distrito Militar, com o intuito de rumar para Canudos, sertão onde as forças federais combatiam os jagunços.

O SOLDADO

Em Canudos teve ação destacada, evidenciando valor profissional, amor ao trabalho e acentuado espírito de solidariedade.

O Dr. Muniz de Aragão ingressou no Quadro de Médicos do Exército em 1901, no posto de primeiro tenente. Ao longo de quase vinte e um anos de profícuos e assinalados serviços, interrompidos pelo seu prematuro falecimento, em 16 de janeiro de 1922, lançou as bases da veterinária militar e sistematizou a formação de seus profissionais (sua maior obra). Fruto de pesquisas e do eficaz trabalho de profilaxia que conduziu, foram debeladas epidemias que há tempos afetavam não só o estado sanitário dos animais como também o da tropa.

A Força Terrestre não foi o único setor da vida nacional a se beneficiar da competência e do devotamento dessa figura ilustre. Convocado pelo governo federal, cooperou com o ministério da Agricultura, estruturando o Serviço de Defesa Sanitária Animal e de Produtos de Origem Animal, o que produziu reflexos positivos na saúde pública e no desempenho da economia brasileira.

Hoje, a maior de suas obras está consolidada. Assim, vemos a veterinária desempenhando importante papel na assistência aos animais de emprego militar, na inspeção de alimentos e forragens, na eliminação de agentes infecciosos e na pesquisa e produção de soros e vacinas. Tudo graças ao idealismo e à capacidade empreendedora do coronel João Muniz Barreto de Aragão.

Em 16 de janeiro de 1922, faleceu no Rio de Janeiro, com apenas quarenta e oito anos de idade, o criador e primeiro dirigente do Serviço de Defesa Sanitária Animal do Ministério da Agricultura, o grande idealizador da Escola de Veterinária do Exército, e aquele soldado que prestou relevantes serviços nos hospitais de sangue, na Guerra de Canudos, praticando em alto grau as virtudes militares do devotamento e do desprendimento.

O Decreto nº 51.492 de março de 1962, por dever de justiça, entroniza o tenente-coronel médico João Muniz Barreto de Aragão como patrono do Serviço de Veterinária do Exército.

Leitura complementar

PILLAR, Olyntho. **Os patronos das forças armadas**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981.

RAMIREZ, Luiz Carlos (org.). **Vultos históricos nacionais**. Resende: Editora Acadêmica, 2008.

Ten Cel Médico João Muniz Barreto de Aragão, Disponível em *http://www.ahimtb.org.br/Ten%20Cel%20M%C3%A9dico%20Jo%C3%A3o%20Muniz%20Barreto%20de%20Arag%C3%A3o.pdf*. Acesso em 13 de julho de 2017.

VALOR(ES), ATRIBUTO(S), E DEVER(ES) A SER(EM) TRABALHADO(S): AMOR À PROFISSÃO, APRIMORAMENTO TÉCNICO-PROFISSIONAL, CORAGEM, FÉ NA MISSÃO DO EXÉRCITO, PATRIOTISMO, RIGOR NO CUMPRIMENTO DOS DEVERES E TRATO DO SUBORDINADO COM DIGNIDADE.

ARMAS, QUADROS E SERVIÇOS DO EXÉRCITO



PATRONO DO MAGISTÉRIO DO EXÉRCITO
MARECHAL ROBERTO TROMPOWSKI LEITÃO DE ALMEIDA



ORIGENS

Natural de Santa Catarina, o marechal Roberto Trompowsky Leitão de Almeida nasceu na cidade do Desterro, atual Florianópolis, no dia 8 de fevereiro de 1853. Ingressou no Exército em 29 de dezembro de 1869, aos dezesseis anos, como praça do 1º Batalhão de Artilharia a Pé, de onde saiu para cursar a Escola Militar no Rio de Janeiro. Em 1874, concluiu, com distinção, o Curso de Formação de Oficiais. Em 1876, ainda como primeiro tenente, alcançou o grau de doutor em Ciências Físicas e Matemáticas. Na Escola Militar da Praia Vermelha, atuou como docente das disciplinas de geometria analítica e cálculo.

O SOLDADO

Estudioso, foi bem sucedido, razão pela qual, em 15 de março de 1871, foi reconhecido cadete de 1ª classe. No ano de 1874, em 10 de Janeiro, por concluir o curso com distinção e notas plenas, foi nomeado alferes-aluno. Em 10 de março de 1874, foi promovido a segundo tenente, indo servir no 5º Batalhão de Artilharia a Pé. Dois anos após, em 13 de junho de 1876, foi promovido ao posto de primeiro tenente e considerado com os cursos de Estado-Maior e Engenharia pelo Regulamento de 1874, recebendo o grau de doutor em Ciências Físicas e Matemáticas.

Em virtude de seu sólido preparo intelectual e de seu pendor para o magistério, foi ele nomeado repetidor da 1ª cadeira do 1º ano do curso superior da Escola em que brilhara como aluno. Seus excelentes dotes vocacionais fizeram-no o apreciado mestre a quem os discípulos se compraziam de ouvir as eloquentes preleções, ungidos do mais puro acatamento e espontâneo respeito.

Em 21 de fevereiro de 1880, promovido a capitão, foi incluído no Imperial Corpo de Engenheiros, permanecendo, no entanto, na Escola, onde viria a acumular as funções de comandante da Companhia do Corpo de Cadetes. Dedicado ao extremo a seus deveres,

era impecável no respeito aos ditames regulamentares e aos severos preceitos didáticos, de forma que se fazia querido de seus colegas e alunos.

Sempre diligente e prestativo, colocava sua imensa cultura à disposição dos dirigentes do educandário de formação do oficialato do Exército, para preencher as vacâncias ocasionais de várias cadeiras. E assim vivia satisfeito, entre os pesados encargos funcionais que lhe haviam dado e os prazeres sem fim do magistério que abraçara por inata vocação.

Em sua carreira, Trompowsky comandou, interinamente, o Colégio Militar do Rio de Janeiro. Também foi comandante da Escola Militar da Praia Vermelha e exerceu o magistério na hoje denominada Escola de Comando e Estado-Maior.

Além de professor exemplar, destacou-se em outras missões que lhe foram confiadas. No exterior, foi adido militar junto às delegações brasileiras na Grã-Bretanha, Suíça e Itália (1905-1907), e também atuou como assessor de Rui Barbosa na Conferência Internacional da Paz, em Haia, na Holanda (1906).

Depois da promoção a general e de exercer dois comandos operacionais no Rio Grande do Sul, foi enviado à Europa para estudar os progressos do ensino naquele continente e aplicá-los nos estabelecimentos de ensino militar brasileiros. Ao retornar, assumiu a função de inspetor do Ensino Militar da República, implementando significativas mudanças nas Escolas Militares.

Trompowsky deixou estudos abrangentes sobre História Militar e Organização do Exército, livros sobre Matemática e inúmeros textos e artigos: “A importância do Moral na Guerra”; “O Civismo”; “A Necessidade do Exército instruído e bem comandado”, entre outros. O Decreto nº 51.492, de março de 1962, por dever de justiça, entroniza o marechal Roberto Trompowsky Leitão de Almeida como patrono do Magistério do Exército.

Leitura complementar

PILLAR, Olyntho. **Os patronos das forças armadas**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981.

VALOR(ES), ATRIBUTO(S), E DEVER(ES) A SER(EM) TRABALHADO(S): AMOR À PROFISSÃO, APRIMORAMENTO TÉCNICO-PROFISSIONAL, ESPÍRITO DE CORPO, FÉ NA MISSÃO DO EXÉRCITO, PATRIOTISMO, RIGOROSO CUMPRIMENTO DOS DEVERES E TRATO DO SUBORDINADO COM DIGNIDADE.

ARMAS, QUADROS E SERVIÇOS DO EXÉRCITO



PATRONO DO SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA RELIGIOSA
FREI ORLANDO ANTÔNIO ÁLVARES DA SILVA



ORIGENS

Filho legítimo de Itagiba Alvares da Silva e Jovita Aurélia da Silva, nasceu em um pequeno povoado do interior de Minas Gerais, à margem direita do rio São Francisco, chamado Morada Nova, em 13 de fevereiro de 1913. Batizado, ganhou o nome de Antônio Álvares da Silva. Órfão de mãe com apenas um ano de idade, e de pai aos três, foi criado por uma família que prezava a religião católica. Depois da primeira comunhão, em 1920, passou a frequentar assiduamente o catecismo. Nele, revelou-se nitidamente o pendor para a vida clerical, o apreço pelas coisas da igreja e a compaixão pelos humildes. Foi assim que, tendo iniciado seus estudos em Divinópolis (MG), seguiu para a Holanda, local onde retornou para sua ordenação como sacerdote.

O SOLDADO

Em 24 de outubro de 1937, aos vinte e quatro anos de idade, recebia as ordens eclesiásticas o filho de Morada Nova. Ordenado frade, adotou frei Orlando como nome de fé. Foi para São João Del Rei, onde lecionou no Colégio de Santo Antônio, um estabelecimento de ensino dirigido pela Ordem dos Franciscanos Menores. Caridoso, o jovem padre instituiu a "Sopa dos Pobres", uma obra de assistência social que chegou a receber o apoio voluntário de muitos integrantes do 11º Regimento de Infantaria (11º RI). Nessa época, deparou com os preparativos da Força Expedicionária Brasileira (FEB) para a Segunda Guerra Mundial, vendo a cidade em polvorosa com a chegada dos muitos convocados para integrar os contingentes da FEB.

Não se conformou em permanecer impassivelmente na cidade após ver o 11º RI partir. Pelas ruas da cidade, o discípulo de Assis se mostrava, agora, em desassossego. Seu pensamento era a guerra. Sua atenção estava toda ela inclinada para os preparativos que se processavam em todo o território nacional, para o embarque do nosso contingente.

Assim, quando o então comandante do Regimento, coronel Delmiro Pereira de Andrade, solicitou a indicação de um religioso para capelão militar ao Comissariado dos Franciscanos em São João del Rei, frei Orlando viu a oportunidade de concretizar um de seus mais acalentados sonhos: o de ser missionário sem fronteiras, ir a qualquer parte do mundo para multiplicar os discípulos de Deus. Integrou-se, então, à FEB, e seguiu para a Europa. Seu primeiro trabalho foi celebrar uma missa na catedral de Pisa para os pracinhas brasileiros.

Às vésperas da Tomada de Monte Castelo, durante uma visita à linha de frente, frei Orlando foi vítima de uma fatalidade, morreu por um disparo acidental de um “partisan” (membro da Resistência italiana ao nazifascismo). Contava 32 anos de idade. O boletim nº 52, do 11º RI, de 22 de fevereiro de 1945, impresso em Docce, na Itália, assinado pelo comandante Delmiro Pereira de Andrade, registrou o passamento do capelão:

> Foi recebida, com dolorosa surpresa, a notícia do falecimento do capelão capitão Antônio Alvares da Silva (frei Orlando), vítima de um tiro, quando se dirigia de Docce para Bombiana, a fim de levar sua assistência espiritual aos homens em posição, no dia 20, quando do ataque ao Monte Castelo. O sacerdote, que desapareceu da face da Terra, após ter servido com a sua pureza de sentimento à religião e à Pátria, deixa imensa saudade no seio da organização católica a que pertencia.
>
> No 11º Regimento de Infantaria, como chefe da Capelania, conquistou a todos pelas qualidades apostolares. No teatro de operações, nos dias de maiores atividades bélicas, jamais deixou de levar o seu conforto espiritual ou o santo sacrifício da missa em qualquer circunstância, mostrando-se, além de religioso, um forte, um bravo, um verdadeiro soldado da Cruz de Cristo. Frei Orlando, que acaba de falecer em plena mocidade, alegre e sempre satisfeito, soube granjear um lugar em todos os corações daqueles que com ele conviveram e que ora sentem a separação eterna do seu pastor e do seu amigo. (PALHARES, 1982, p. 171, 172)

Finda a guerra, o governo brasileiro instituiu, por meio do Decreto 20.680, de 28 de fevereiro de 1946, frei Orlando, como patrono do Serviço de Assistência Religiosa do Exército (SAREx). O patrono do SAREx foi enterrado no cemitério brasileiro militar de Pistóia. Em dezembro de 1960, seus restos mortais foram trasladados para o Monumento Nacional aos Mortos na Segunda Guerra Mundial, na cidade do Rio de Janeiro.

Leitura complementar

PALHARES, Gentil. **frei Orlando:** o capelão que não voltou. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1982.

VALOR(ES), ATRIBUTO(S), E DEVER(ES) A SER(EM) TRABALHADO(S): AMOR À PROFISSÃO, CORAGEM, DISCIPLINA, RESPEITO À HIERARQUIA, FÉ NA MISSÃO DO EXÉRCITO, HONESTIDADE, INTEGRIDADE, LEALDADE, PATRIOTISMO, PROBIDADE E TRATO DO SUBORDINADO COM DIGNIDADE.



PATRONO DO QUADRO AUXILIAR DE OFICIAIS
TENENTE ANTÔNIO JOÃO



ORIGENS

Antônio João Ribeiro nasceu na vila de Poconé, na província de Mato Grosso, em 24 de novembro de 1823. Fruto da intensa miscigenação e dispersão dos grupos étnicos formadores do povo brasileiro, pouco se sabe de seus ascendentes, a não ser que é filho de Manuel Ribeiro de Brito e de Rita de Campos Maciel, conforme consta de sua Fé de Ofício, existente no Arquivo Histórico do Exército. Antônio João ingressou na Força, como soldado voluntário, em 6 de março de 1841, quando foi promovido, com apenas dezessete anos, a graduação de cabo no ano seguinte.

O SOLDADO

Forjou seu caráter e desenvolveu seu acentuado valor profissional no dia a dia da caserna, galgando todas as graduações. Como sargento, comandou o destacamento na fronteira do Distrito Militar do Baixo-Paraguai (1842-1844), na região sulina da província; esteve na Colônia Militar de Dourados, comandando o destacamento em 1848; depois serviu no Forte de Coimbra por pouco tempo, voltando ao destacamento da Colônia Militar de Dourados, em 1849, ali permanecendo até 1850.

Sempre demonstrando pendores pela carreira das armas, teve permissão para cursar a Escola Militar. Seguiu para o Rio de Janeiro, no Município Neutro da Corte e, como ouvinte, frequentou as aulas, sem que nos exames, ao final, pudesse obter aprovação para prosseguir a carreira. Regressou, em 1853, ao seu corpo de tropa.

No decorrer do ano de 1858, foi designado para servir junto ao distrito de Miranda, regressando, no ano seguinte, para comandar o destacamento de São Lourenço, do qual, logo a seguir, em 1860, se desligou. Pelos indiscutíveis méritos evidenciados ao longo da carreira, atingiu o oficialato, sendo promovido a primeiro tenente em 2 de dezembro daquele mesmo ano, e comissionado como comandante da Colônia Militar de Dourados.

Em 1862, novamente foi designado para diligências no distrito de Miranda, percorrendo as campinas do rio Apa; em seguida, assumiu o comando da Colônia Militar do Dourados, erguida nos altos da Serra de Maracaju, junto às vertentes do rio – sentinela do Império plantada para resguardar seus domínios e impedir o sequestro das famílias brasileiras que criavam gado na região.

Nunca o Império esperou qualquer invasão de seu território. Eis, no entanto, que, em certo dia do mês de dezembro de 1864, uma patrulha de cavalaria do pequeno destacamento trouxe a notícia ao comandante de uma coluna de 365 homens que subiu a serra com destino às cabeceiras do Dourados.

Antônio João, pressentindo o ataque da poderosa coluna em marcha, fez ver à pequena tropa ser impossível tolher o caminho dos invasores, em face da disparidade numérica e do poder de fogo. Tomara, *incontinenti*, deliberações, pondo a seguro as mulheres e as crianças e deixando os seus companheiros – aqueles que quisessem livres – para se refugiarem, pondo-se a salvo.

Liderando um punhado de destemidos, incluindo quatro civis e uma mulher, não se intimidou ante o assédio de um inimigo muito mais numeroso e melhor equipado. Enviou mensageiro com um bilhete para o comandante do Distrito Militar de Miranda e rejeitou, com altivez, a intimação para render-se, não se furtando ao embate desigual.

Dispôs seus comandados nos postos de combate e aguardou o ataque. Tombou sob o peso da fuzilaria de mais de 200 bocas de fogo. Faleceu em 29 de dezembro de 1864, defendendo heroicamente a Colônia Militar do Dourados, quando de arma na mão, e a dignidade no coração, de peito aberto e firme, foi ao encontro dos invasores da sua terra natal, com a certeza de que aquela seria sua última caminhada. A Pátria acabara de incorporar mais um bravo à sua galeria de heróis.

O comandante da força paraguaia, capitão Martin Urbieta, se surpreendeu com o comportamento do bravo tenente e dissera mais de uma vez que, se o soldado brasileiro fosse da têmpera daqueles bravos da Colônia Militar do Dourados, não seria fácil vencer a guerra. E não venceram.

A mensagem destinada ao comandante do Distrito Militar de Miranda era pequena no tamanho e grande no significado. Ela extravasava o inarredável sentimento do dever de um militar, expresso nas poucas palavras ali colocadas pelo bravo oficial: "Sei que morro, mas o meu sangue e o de meus companheiros servirão de protesto solene contra a invasão do solo de minha Pátria".

Em 20 de agosto de 1980, o Exército Brasileiro reconheceu seu valor e heroísmo e o elegeu, por meio do Decreto nº 85.097, patrono do Quadro Auxiliar de Oficiais.

Leitura complementar

GUIMARÃES, Acyr Vaz. **Seiscentas Léguas a Pé**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1999.
PILLAR, Olyntho. **Os patronos das forças armadas**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1981.

VALOR(ES), ATRIBUTO(S), E DEVER(ES) A SER(EM) TRABALHADO(S): BRAVURA, CORAGEM, DETERMINAÇÃO, ESPÍRITO DE CORPO, FÉ NA MISSÃO DO EXÉRCITO, INTEGRIDADE, LEALDADE, PATRIOTISMO E RIGOR NO CUMPRIMENTO DOS DEVERES.



PATRONO DO QUADRO COMPLEMENTAR DE OFICIAIS
CADETE MARIA QUITÉRIA DE JESUS



ORIGENS

Maria Quitéria de Jesus, a mulher-soldado, nasceu em São José de Itapororocas, no ano de 1797, na antiga província da Bahia. No dia 27 de julho de 1798, tendo Maria seis anos de idade, Gonçalo Alves de Almeida e sua esposa Quitéria Maria de Jesus, pais de Maria Quitéria, foram à capela de São Vicente e, em presença dos padrinhos Antônio Gonçalves de Barros e sua irmã Josefa Maria de Jesus, batizaram Maria Quitéria pelas mãos do reverendo Manuel José de Jesus Maria.

A SOLDADO

Em 1822, sob o ideal de liberdade, o Recôncavo Baiano lutava contra o dominador português que se negava a reconhecer a Independência do Brasil. Nesse clima, surge a figura de Maria Quitéria. A necessidade de efetivos fez com que a Junta Conciliadora de Defesa, sediada em Cachoeira/BA, conclamasse os habitantes da região a se alistarem para combater os portugueses.

A jovem Maria Quitéria, uma humilde sertaneja baiana, ardendo de patriotismo, atendeu ao chamado, motivada pelos ideais de liberdade que envolviam seus conterrâneos. Pediu permissão a seu pai, que se negou a atender ao seu compulsivo desejo patriota de ingressar nas forças libertadoras do Brasil, na Bahia. Ante a posição contrária do pai, foge de casa e, com a cumplicidade de sua irmã e de seu cunhado de nome Medeiros, assentou praça como soldado. Incorporou-se inicialmente ao Corpo de Artilharia e, posteriormente, ao de Caçadores com o nome de Soldado Medeiros. O seu batismo de fogo ocorreu no combate na foz do rio Paraguaçu, ocasião em que ficaram evidenciados seu heroísmo invulgar e sua real identidade.

Em fins de 1822, a intrépida baiana, já com saiote tipo "*highlander* escocês" sobre o uniforme militar, incorpora-se ao Batalhão dos Voluntários de D. Pedro I, tornando-se,

desse modo, oficialmente, a primeira mulher a assentar praça em uma unidade militar, em terras brasileiras.

De armas na mão, participando de combates como o da Pituba e o de Itapuã, a guerreira Maria Quitéria revelou bravura, valor e intrepidez, confirmados em elogios de seus superiores, e passou a constituir-se em referência do heroísmo da mulher brasileira.

Seu destaque em combate lhe valeu o recebimento das honras de 1º cadete de parte do comandante do Exército Imperial Nacional na Bahia, general Pedro Labatut, e a de integrar o grupo de emissários que levaram a notícia da libertação da Bahia a D. Pedro I, na Corte Imperial no Rio de Janeiro, onde foi cercada de muito respeito, em face da fama de sua coragem e da grande curiosidade decorrente das características de seu uniforme feminino.

No dia 20 de agosto de 1823, D. Pedro I confere à gloriosa guerreira a honra de recebê-la em audiência especial. Sabedor da bravura e da maneira correta com que sempre se portara entre a soldadesca, em um gesto de profunda admiração, concede-lhe o soldo de "alferes de linha" e a condecoração de "Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro", em reconhecimento à bravura e à coragem com que lutara contra os inimigos da Pátria.

Foi festejada com justos e honrosos apelidos: “A heroína da Independência do Brasil”, “A moça-cadete do Batalhão de Periquitos”, “A cadete da Independência”, “A mulher soldado do Brasil”, e até “A Joana D’Arc brasileira”. Depois de encerrada a guerra, a heroína recolheu-se ao silêncio do lar, falecendo no dia 21 de agosto de 1853, num "doloroso anonimato".

No ano centenário do falecimento da valorosa mulher-soldado, o então ministro da Guerra determinou, por intermédio do Aviso nº 408, de 11 de maio de 1953, que em todos os estabelecimentos, repartições e unidades do Exército, fosse inaugurado, no dia 21 de agosto de 1953, o retrato da insigne patriota.

Finalmente, em 28 de junho de 1996, Maria Quitéria de Jesus, por decreto do presidente da República, passou a ser reconhecida como patrono do Quadro Complementar de Oficiais do Exército Brasileiro.

Leitura complementar

JUNIOR, Pereira Reis. **Maria Quitéria**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército. 1953.

VALOR(ES), ATRIBUTO(S), E DEVER(ES) A SER(EM) TRABALHADO(S): AMOR À PROFISSÃO, CORAGEM, DEVER, DISCIPLINA E RESPEITO À HIERARQUIA, ESPÍRITO DE CORPO, FÉ NA MISSÃO DO EXÉRCITO, LEALDADE, PATRIOTISMO, RIGOR NO CUMPRIMENTO DOS DEVERES E BRAVURA.

FAMÍLIA MILITAR



ROSA MARIA PAULINA DA FONSECA



ORIGENS

Rosa Maria Paulina da Fonseca nasceu em 18 de setembro de 1802, na então Cidade de Alagoas, capital da província de mesmo nome, atual município de marechal Deodoro. Em 9 de dezembro de 1824, na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, casou-se com o major do Exército Imperial Manoel Mendes da Fonseca, valoroso militar e grande monarquista. Mulher de personalidade forte, sempre o apoiou em suas resoluções e o acompanhou, intimorata, nas alegrias e dificuldades da vida, até seu falecimento, já reformado no posto de tenente-coronel, em 24 de agosto de 1859.

A MATRIARCA

Dessa união nasceram dez filhos, sendo duas mulheres, Emília e Amélia, e oito varões que ocuparam posições de destaque na carreira militar, na política e na administração pública brasileira: Hermes Ernesto, nascido em 11 de setembro de 1824; Severiano Martins, nascido em 8 de novembro de 1825; Manoel Deodoro, nascido em 5 de agosto de 1827; Pedro Paulino, nascido em 6 de junho 1829; Hipólyto Mendes, nascido em 13 de agosto 1831; Eduardo Emiliano, nascido em 2 de julho de 1833; João Severiano, nascido em 7 de maio de 1835; e Afonso Aurélio, nascido em 11 de setembro de 1845.

Com o evento da Guerra da Tríplice Aliança, a Pátria pediu aos seus filhos para combater no Paraguai. A família Fonseca não podia se negar a dar sua contribuição ao Império. Sete dos filhos de dona Rosa Maria seguiram para a Guerra contra o presidente Solano Lopez. Ficando, em casa, apenas Pedro Paulino, tenente reformado do Exército, literato e estatístico, futuro governador de Alagoas e senador federal por esse Estado.

Em Curuzu, foi morto, em combate, o filho mais jovem, Afonso Aurélio, com vinte e um anos de idade. Era alferes do 34º Batalhão de Voluntários da Pátria, morto devido a ferimento sofrido quando escalava as muralhas da fortificação. Na furiosa e violenta Batalha de Curupaity, em 22 de setembro de 1866, morre, heroicamente, o capitão de Infantaria Hyppólito.

Em 6 de dezembro de 1868, na célebre Batalha de Itororó, as "Termópilas paraguaias", a primeira das batalhas da "Dezembrada", outro de seus filhos sucumbe ante o fogo inimigo, o major de infantaria Eduardo Emiliano. Nessa mesma Batalha, dois outros filhos, Hermes e Deodoro, foram gravemente feridos, sendo que esse último recebera três ferimentos por tiros de fuzil.

Dona Rosa amargava sua dor de forma resignada como fosse seu dever fazê-lo em nome da Pátria. Durante as comemorações pela vitória em Itororó, ao ser informada da morte de Eduardo e da situação de Hermes e Manuel, teria dito: "Sei o que houve. Talvez até Deodoro esteja morto, mas hoje é dia de gala pela vitória; amanhã, chorarei a morte deles."

O historiador Ernesto Sena, em sua obra, "Deodoro: subsídios para a história", registra, ainda, que mesmo diante da morte e da dor pela perda de seus três filhos, vitimados em combate pelos projetis inimigas, a matriarca quando ouviu falar em ajuste de paz com o ditador do Paraguai, cheia de abnegação e de patriotismo, dizia a seus amigos, "Prefiro não ver mais meus filhos! Que fiquem todos sepultados no Paraguai, com morte gloriosa no campo de batalha, do que enlameados por uma paz vergonhosa para a Pátria." (1999, p. 204).

Rosa Maria Paulina da Fonseca, a "Mãe dos Sete Macabeus", faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 11 de julho de 1873, aos setenta anos de idade.

Dentre seus filhos que regressaram vivos da Guerra da Tríplice Aliança, destacou-se, especialmente, o marechal Manuel Deodoro da Fonseca, proclamador da República, chefe do Governo Provisório e primeiro presidente constitucional da República dos Estados Unidos do Brasil.

Destacou-se, também, de forma singular, o eminente médico militar, general de brigada João Severiano da Fonseca, escolhido, em 1962, para ser o patrono do Serviço de Saúde do Exército Brasileiro.

Seu neto, o marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, foi o 8º presidente da República, exercendo seu mandato entre 1910 e 1914.

À dona Rosa da Fonseca, o Exército Brasileiro prestou, em 10 de junho de 2016, por meio da Portaria nº 650, do comandante do Exército, uma justa, merecida e perene homenagem, entronizando-a como patrono da Família Militar, instituindo, a partir da data de seu nascimento, 18 de setembro, o Dia da Família Militar, e assim reconhecendo a importância do espírito de sacrifício, necessário aos integrantes da Força Terrestre em sua luta diária pelo cumprimento da missão.

Leitura complementar

SENA, Ernesto. **Deodoro**: subsídios para a história. Brasília: Coleção Biblioteca Básica Brasileira, 1999.

SILVA, Alberto Miranda da. **Rosa da Fonseca e seus filhos.** 1ª Ed. Brasília: 2013.

VALOR(ES), ATRIBUTO(S), E DEVER(ES) A SER(EM) TRABALHADO(S): DEDICAÇÃO, FIDELIDADE À PÁTRIA, RESPEITO AOS SÍMBOLOS NACIONAIS, PROBIDADE, ESPÍRITO DE SACRIFÍCIO, CIVISMO, CORAGEM, DEVER, INTEGRIDADE E LEALDADE.

OS PATRIARCAS



GENERAL FRANCISCO BARRETO DE MENEZES



ORIGENS

O mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes nasceu em 1616, no Peru, à época da união das coroas ibéricas. Era filho do comandante português da Praça do Callao. O valoroso militar foi escolhido para comandar as tropas luso-brasileiras na Insurreição Pernambucana.

O SOLDADO

Chegou a Pernambuco em 1647 e foi nomeado mestre de campo. Assumiu o comando das tropas em abril de 1648, no período em que os holandeses já haviam sido derrotados na batalha do Monte das Tabocas, na invasão de Casa Forte e na primeira Batalha dos Guararapes.

Os holandeses estavam cercados no Recife, sem esperanças de ajuda vindas do interior, dependendo somente de reforços vindos do mar. A cidade já sofria com a falta de abastecimento de produtos essenciais. Parte da "Cidade Maurícia", construída por Maurício de Nassau, já havia sido destruída. A concentração da defesa se dava em volta do porto, para que garantisse o abastecimento e uma possível fuga.

Muito católico, ao subir na colina, para travar a segunda Batalha dos Guararapes, fez uma prece e prometeu a Nossa Senhora que, se vitorioso, construiria uma capela no local. Após a rendição dos holandeses, em 1654, Barreto de Menezes manda construir a capela para Nossa Senhora dos Prazeres, no alto do Monte dos Guararapes. A igreja foi depois reformada e ampliada.

Francisco Barreto de Menezes era um diplomata. Evitou criar ciúmes entre os seus liderados que haviam perdido o poder com a sua chegada. Por ocasião da capitulação do Recife, ao se encontrar com o comandante holandês Von Sckroppe, na porta de Santo Antônio, desceu do cavalo e o acompanhou até o local da solenidade de rendição.

Depois da reconquista do Recife, o rei D. João IV, considerando que não teve colaboração dos herdeiros na proteção das terras, não mais convinha a continuidade de um feudo privado na vasta região. Barreto de Menezes foi nomeado o primeiro

governador e capitão-general de Pernambuco, por um período de três anos, de 1654 a 1657.

A antiga capitania Duartina entrava no mesmo regime político administrativo das demais capitanias: a administração militar dos capitães-gerais. Em seguida, foi para a Bahia, assumir o governo geral do Brasil, cabendo-lhe, ainda, organizar uma expedição de bandeirantes paulistas para repelir as correrias do gentio no sertão baiano. A expedição teve no comando dois sertanistas, Domingos Barbosa Calheiros e Fernando de Camargo. Permaneceu no cargo de 20 de junho de 1657 a 21 de julho de 1663.

Faleceu em 1668, em Portugal.

A 10ª Bda Inf Mtz, Recife/PE, ostenta o seu augusto nome: “Brigada Francisco Barreto de Menezes”.

Leitura complementar

RAMIREZ, Luiz Carlos (org.). **Vultos históricos nacionais**. Resende: Editora Acadêmica, 2008.

ROSTY, C. S. **As invasões holandesas:** as batalhas do Monte das Tabocas e dos Montes Guararapes – as grandes vitórias. Brasília: EGGCF. 2002.

VALOR(ES), ATRIBUTO(S), E DEVER(ES) A SER(EM) TRABALHADO(S): CORAGEM, DISCIPLINA, RESPEITO À HIERARQUIA, LEALDADE E E FÉ NA MISSÃO.

OS PATRIARCAS



JOÃO FERNANDES VIEIRA



ORIGENS

O mestre de campo João Fernandes Vieira (comandante de Terço) nasceu em 1613, em Funchal, na Ilha da Madeira. Veio para o Brasil com onze anos de idade. Renunciou ao nome de Francisco D' Ornelas Moniz. Era filho de escrava, que emigrou para o Brasil em 1624, momento da primeira incursão holandesa a Salvador.

O SOLDADO

João Fernandes Vieira era hábil comerciante e quase mulato. Rapidamente tornou-se um dos mais influentes e rico senhor de engenho de Pernambuco. Tinha forte personalidade política, era astucioso, ardiloso, envolvente, persuasivo, tolerante, religioso e prestativo (ajudava os pobres e miseráveis, negros e índios, sem distinção de raça).

Por sua habilidade política e comercial, tornou-se íntimo dos holandeses e da população local, sendo escolhido pela Corte de Nassau, representante do povo - escabino (vereador) da Câmara Municipal.

Casou-se com D. Maria Cezar, filha de Francisco Berenguer de Andrade, senhor de engenho de grande influência na sociedade.

Sua aproximação com Nassau se deu por intermédio do rico judeu Jacob Stachouver, conselheiro político do governo holandês no Brasil. Amizade esta que Vieira soube muito bem cativar.

Fernandes Veira contraiu diversos empréstimos junto ao governo holandês no Brasil para aplicar nos seus engenhos. Seus compromissos não eram saldados, muito pelo contrário, devido sua habilidade e influência, suas dívidas eram roladas e cada vez se tornavam maiores. Era um senhor de engenho rico, porém endividado.

Participou da vida social holandesa como se fosse um deles. Era respeitado e gozava de grande prestígio. Com a saída de Nassau, a situação dos comerciantes patriotas tornou-se difícil e insuportável, as cobranças de impostos se tornaram abusivas.

Fernandes Vieira liderou a "Insurreição Pernambucana" por patriotismo ou por pressão financeira? O que importa é que nesse momento difícil, assumiu a liderança da guerra, chamando-a de "LUTA PELA LIBERDADE DIVINA".

Em 23 de maio de 1645, liderou os dezoito patriotas na assinatura do Compromisso Imortal, onde pela primeira vez, no continente americano foi proferida a palavra "Pátria".

Em 3 de agosto do mesmo ano comandou o terço patriota que, pela primeira vez, em combate direto, derrotou o impávido exército holandês, na Batalha do Monte das Tabocas, reforçando seu terço, com grande quantidade de armamento e munição, indispensáveis para o prosseguimento no combate.

Em 17 do mesmo mês, atacou Casa Forte e seguiu para Pontal, Nazaré, Serinhaém, Igarassu e Itamaracá.

Nas batalhas dos Guararapes, coube-lhe papel de enorme relevo. Na primeira delas (19 de abril de 1648), era ele o comandante do maior e melhor preparado dos quatro terços, ao qual foi confiada a principal frente de combate. Vieira, por ser civil, delegou a Dias Cardoso a execução de todas as ações bélicas.

Na da segunda batalha (19 de fevereiro de 1649), Fernandes Vieira e Dias Cardoso atuaram independentemente, perseguindo os holandeses até o Recife.

Em 26 de janeiro de 1654, comandou a vanguarda patriota, que entrou triunfante no Recife e na Campina do Taborda, onde Barreto de Menezes recebeu das mãos do general Von SCHOOPE, as 73 chaves da cidade destruída, porém altiva.

Após a vitória recuperou todos os seus bens confiscados, tendo sido nomeado governador da Paraíba (1655 a 1657) e depois de Angola (1658 a1661).

Fernandes Vieira faleceu em 1681, na cidade de sua preferência - OLINDA.

Leitura complementar

RAMIREZ, Luiz Carlos (org.). **Vultos históricos nacionais**. Resende: Editora Acadêmica, 2008.

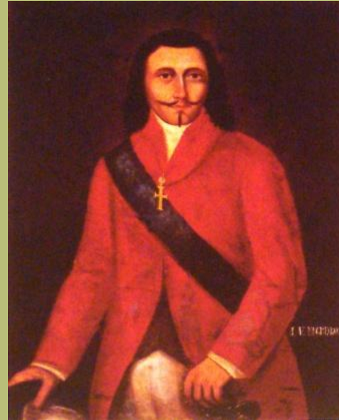
ROSTY, C. S. **As invasões holandesas:** as batalhas do Monte das Tabocas e dos Montes Guararapes – as grandes vitórias. Brasília: EGGCF. 2002.

VALOR(ES), ATRIBUTO(S), E DEVER(ES) A SER(EM) TRABALHADO(S): CORAGEM, DISCIPLINA, RESPEITO À HIERARQUIA, ESPÍRITO DE CORPO E PATRIOTISMO.

OS PATRIARCAS



ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS



ORIGENS

Nasceu em 1606, no engenho de São João, na vila da Paraíba, parte da capitania de Pernambuco. Era filho de linhagem nobre, participou de todas as fases da "Insurreição Pernambucana", quando mobilizou tropas e meios nos sertões nordestinos. Foi considerado um dos melhores soldados de seu tempo, galgando todos os postos da milícia luso-brasileira.

O SOLDADO

Foi educado para suceder seu pai como senhor de engenho (Santo André), teve seu destino modificado com a invasão holandesa, combatendo os invasores desde os combates da Baía da Traição, em 1625, na Paraíba. Integrou as audaciosas incursões no território dominado pelo usurpador, inclusive ateando fogo ao canavial de seu pai para evitar que o inimigo se apoderasse da produção de açúcar.

Em 1636, foi ferido em uma investida contra a Nova Holanda. Recuperado, comandou um terço na Batalha de Salvador (primeira derrota de Nassau no Brasil). Foi enviado pelo Conde da Torre como precursor das ações que antecederam o seu desembarque em território hostil e tornou-se o principal provedor dos remanescentes luso-brasileiros.

Em Portugal, encontrou-se com Matias de Albuquerque, com quem definiu os traços gerais de uma insurreição nas terras tomadas pelos Batavos. Foi promovido a mestre de campo, em 1642. Voltou ao Brasil com o novo governador-geral do Brasil, Teles de Menezes, que o enviou a cidade Maurícia com fins diplomáticos. Sua missão, na verdade, era verificar as condições dos luso-brasileiros que viviam sob jugo holandês e analisar a viabilidade de sua adesão, caso houvesse uma revolta.

De observador oficial passou a coordenador do movimento de libertação das Capitanias do Norte e de restauração do Brasil. Foi Vidal de Negreiros quem, realmente, orientou e ajustou os elementos dispersos que deveriam reunir-se para a luta decisiva.

À frente das tropas patriotas, Vidal de Negreiros distinguiu-se nos combates da Casa Forte; na retomada do Forte de Nazaré; nos ataques ao Engenho de Jequiá; e na Ilha de Itamaracá.

Participou das duas Batalhas dos Montes Guararapes, sendo o responsável pelo contra-ataque que mudou a sorte da primeira destas porfias. Vencedor do Forte das Cinco Pontas, principal atalaia do sistema defensivo da cidade Maurícia, recebeu os primeiros parlamentadores holandeses, quando da rendição final holandesa em Recife.

Um dos seus gestos mais famosos foi quando contrariou o rei português, D. João IV, ao recusar-se publicamente a acatar a ordem de não combater o intruso. Respondeu dizendo, que assim que o estrangeiro fosse expulso, aceitaria o pedido de seu rei para acabar com a peleja. Cumpriu sua palavra, pois foi o emissário luso-brasileiro que levou as boas novas da reconquista de Santa Cruz para Portugal, ocasião em que foi condecorado.

Ainda foi governador-geral do Maranhão, do Grão-Pará e, posteriormente, de Pernambuco e de Angola.

Faleceu em 1680, em Goiana-PE.

Guerra popular, terra arrasada, levantamento de exército nacional, negativa peremptória em aceitar a dominação do invasor, organização do sistema de sustentação da resistência, ação psicológica sobre aliados e inimigos, e condução da campanha militar segundo objetivos estratégicos, são resultantes da ação de comando ou assessoramento de Vidal de Negreiros, cuja patriótica atuação também em muito contribuiu para a vasta unidade territorial e cultural do Brasil.

Leitura complementar

ROSTY, C. S. **As invasões holandesas:** as batalhas do Monte das Tabocas e dos Montes Guararapes – as grandes vitórias**.** Brasília: EGGCF. 2002.

VALOR(ES), ATRIBUTO(S), E DEVER(ES) A SER(EM) TRABALHADO(S): CORAGEM, DISCIPLINA, RESPEITO À HIERARQUIA, ESPÍRITO DE CORPO, LEALDADE E PATRIOTISMO.

OS PATRIARCAS



ANTONIO FELIPE CAMARÃO



ORIGENS

Antonio Felipe Camarão, nascido em 1580, em Igapó, no atual Estado do Rio Grande do Norte, com o nome de nascença, **Poty** ou **Potiguaçu**, nomes tupis que significam, respectivamente, "camarão" e "camarão grande". Ao ser batizado e convertido ao catolicismo em 1614, recebeu o nome de Antônio e adotou o "Filipe Camarão" em homenagem ao soberano Dom Filipe II (1598-1621).

O SOLDADO

No contexto das invasões holandesas do Brasil, auxiliou a resistência organizada por Matias de Albuquerque, desde 1630, como voluntário para a reconquista de Olinda e do Recife. À frente dos guerreiros de sua tribo, organizou ações de guerrilha que se revelaram essenciais para conter o avanço dos invasores.

Ele era um dos chefes indígenas potiguares do Rio Grande do Norte a selar um acordo de amizade com Jerônimo de Albuquerque. Deslocou sua tribo de potiguares para Recife, participando de inúmeros combates contra os holandeses, constituindo um dos Terços do "Exército Patriota" nas batalhas dos Montes Guararapes. Na primeira, sob o seu comando e, na segunda, ao comando do seu sobrinho, Diogo Camarão, pois faleceu em 1648.

Foi um dos primeiros a se apresentar a Matias de Albuquerque, juntamente com os gentios de sua nação. Logo foi promovido a capitão e comandou seus companheiros nas missões mais arrojadas e delicadas. Sempre incluído na reserva estratégica do comandante luso-brasileiro, combateu com bravura e fidelidade, recusando por inúmeras vezes as benesses, que o conquistador propôs.

Seu conceito perante o inimigo era tão alto que o coronel Arciszewski, em correspondência oficial aos seus superiores na república das províncias Unidas escreveu - "aqui um só índio tem poder para nos fazer retirar muitas vezes".

Em reconhecimento aos seus relevantes serviços a coroa, o rei Felipe lhe concedeu a honraria de ser nomeado governador e capitão-mor dos Índios Brasileiros e enviou-lhe as vestes de cavaleiro da Ordem de Cristo e o título de nobreza: Dom.

Faleceu em 24 de agosto de 1648, no Forte Arraial Novo do Bom Jesus, vitimado pela febre dos ferimentos recebidos em Guararapes, (19 de abril de 1648) e pela idade. Foi conduzido à matriz da freguesia da Várzea, sendo sepultado na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Brancos, no Recife.

Leitura complementar

RAMIREZ, Luiz Carlos (org.). **Vultos históricos nacionais**. Resende: Editora Acadêmica, 2008.

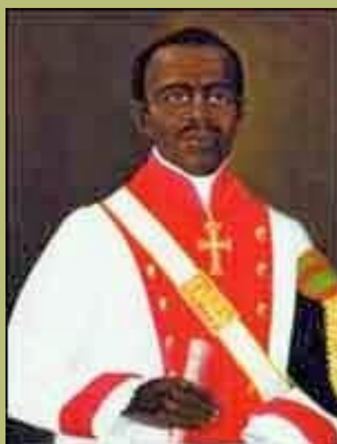
ROSTY, C. S. **As invasões holandesas:** as batalhas do Monte das Tabocas e dos Montes Guararapes – as grandes vitórias. Brasília: EGGCF. 2002.

VALOR(ES), ATRIBUTO(S), E DEVER(ES) A SER(EM) TRABALHADO(S): CORAGEM, DISCIPLINA, RESPEITO À HIERARQUIA, ESPÍRITO DE CORPO, LEALDADE, PATRIOTISMO E BRAVURA.

OS PATRIARCAS



MESTRE DE CAMPO HENRIQUE DIAS



ORIGENS

Herói brasileiro na guerra de libertação contra os holandeses, nascido na capitania de Pernambuco, em local e data desconhecidos, foi considerado um dos símbolos da nacionalidade brasileira. Filho de escravos africanos libertos, não existe consenso entre os historiadores se nasceu cativo ou livre.

O SOLDADO

O seu batismo de fogo ocorreu em 15 de julho de 1633, quando foi ferido por projétil de mosquete à frente de vinte dos seus, para barrar o deslocamento dos holandeses do Forte de Afogados para o engenho São Sebastião (Curado).

Em setembro, foi ferido novamente por dois mosquetaços dos elementos da tropa de Von SCHOPPE. O quarto ferimento foi recebido em 30 de março de 1634, ao repelir um ataque inimigo ao Forte Real Arraial do Bom Jesus.

Henrique Dias não participou da retirada do governador-geral para Alagoas, nem da defesa do Pontal de Nazaré e nem da Batalha da Mata Redonda, onde as tropas de Arciszewski retiraram a vida do substituto de Matias de Albuquerque - D. Luiz de Rojas Y Borja. Com base em Porto Calvo, o Conde Bagnuolo substituto do falecido (Rojas Y Borja), utilizando-se da experiência de Henrique Dias, passou a hostilizar o inimigo, a queimar canaviais e a comboiar retirantes.

Na Batalha de Porto Calvo, em 18 de fevereiro de 1637, Henrique Dias perdeu a mão esquerda, estraçalhada por um tiro de arcabuz, seguindo para Sergipe e depois para a Bahia.

Recebeu o título de Governador dos Crioulos, Negros e Mulatos, em 4 de setembro de 1639, por D. Fernando Mascarenhas (Conde da Torre).

Após a derrota de Nassau, em Salvador, as tropas patriotas seguiram por mar, para Pernambuco. Em 17 de janeiro de 1640, atacados pela marinha inimiga, desembarcaram:

Luiz Barbalho Bezerra, na baía da Traição, e Henrique Dias, no porto da Pipa; desceram do Rio Grande do Norte até a Bahia, hostilizando o inimigo, queimando canaviais, comboiando retirantes e recrutando simpatizantes.

De 1640 até 1645, Henrique Dias ficou na Bahia até ser convocado para fazer parte das operações da restauração. Em 1641, Nassau atacou Luanda e uma companhia de negros do nosso herói seguiu para Angola, em 1644. Com ordens veladas de Antônio Teles da Silva: Henrique Dias, Antônio Dias Cardoso e Felipe Camarão partiram da Bahia, com suas tropas, em direção a Pernambuco, com a finalidade de auxiliar Fernandes Vieira.

No cerco ao Recife ficou, por sua escolha, com a missão de vigiar quem entrava e saía da cidade Maurícia, ocupando o sítio de João Velho Barreto –"estância mais próxima do inimigo", local de onde atormentou constantemente os invasores.

Em novembro de 1647, foi ao Rio Grande do Norte expulsar os invasores, passou com os índios de Camarão por Cunhau, voltando vitorioso de sua missão. Três meses depois de regressar a Pernambuco, tomou parte na Primeira Batalha dos Montes Guararapes e, no dia seguinte, recebeu a ordem de Barreto de Menezes para recuperar Olinda. Então, em 21 de abril, já não existiam mais inimigos naquele local. Os ataques contra o seu reduto eram quase diários, pois a necessidade de sobrevivência inimiga era primordial. Na Segunda Batalha dos Montes Guararapes, recebeu o seu oitavo ferimento e sua vida correu grande perigo.

Em 1650, escreveu ao Rei para queixar-se do tratamento (falta de respeito) que lhe dava o mestre de campo Barreto de Menezes. Com a rendição, em 27 de abril de 1654, D. João IV determinou que fosse feito justiça, concedendo-lhe a comenda dos Moinhos de Soure da Ordem de Cristo, a patente de mestre de campo e pago recursos, para serem repartidos com os seus soldados. E que seu terço se conservasse enquanto vivesse. Acabou perpetuando-se como "Terço dos Henriques". Durante quase dois séculos, os magníficos exemplos de bravura, lealdade e amor à terra natal, oferecidos por Henrique Dias, retrataram-se nos luzidos estandartes dos Regimentos de Pretos mantidos na organização militar brasileira, para perpetuar a vida de um dos mais genuínos heróis da guerra da restauração de Pernambuco.

Nos momentos decisivos da insurreição Pernambucana, sua impetuosidade e valentia, potencializada por seus pretos, levaram as fileiras inimigas ao desespero, sendo fator importantíssimo nas refregas. Faleceu em 7 ou 8 de junho de 1662, no Recife, sendo enterrado por conta da Fazenda Real no Convento de Santo Antônio, em local desconhecido. Hoje existe em sua homenagem uma placa na Capela Dourada. É denominação histórica do 28º BIB, Campinas – SP, "Batalhão Henrique Dias".

Leitura complementar

RAMIREZ, Luiz Carlos (org.). **Vultos históricos nacionais**. Resende: Editora Acadêmica, 2008.

VALOR(ES), ATRIBUTO(S), E DEVER(ES) A SER(EM) TRABALHADO(S): CORAGEM, DISCIPLINA, RESPEITO À HIERARQUIA, ESPÍRITO DE CORPO, LEALDADE, PATRIOTISMO E BRAVURA.

OS PATRIARCAS



ANTONIO DIAS CARDOSO



ORIGENS

São insuficientes os registros históricos sobre as origens do sargento-mor do terço de infantaria de Pernambuco Antonio Dias Cardoso, que se acredita ter nascido na cidade portuguesa do Porto, no início do século XVII, provavelmente no ano de 1600, vindo ainda criança com a família para o Brasil. Dos registros, consta apenas o nome de Baltasar Dias como seu pai, provavelmente ferreiro, assim como seu avô.

O SOLDADO

Em 7 de fevereiro de 1624 assentou praça como soldado na companhia do capitão Rui Calaza Borges, na Bahia, ascendendo a todas as graduações da hierarquia, atingindo em 1635 o posto de alferes.

Quando da invasão holandesa a Pernambuco, participou de inúmeros combates contra os invasores, compondo as famosas companhias de emboscadas. E, partindo do Arraial do Bom Jesus, realizou inúmeros ataques de surpresa. Lutou com galhardia nos arredores de Recife (Salinas, Afogados, Barreta e Olinda), levando a morte e a insegurança aos holandeses.

Foi o arquiteto e o condutor militar da "célula *mater*" do Exército Brasileiro nas memoráveis batalhas de Monte das Tabocas e Casa Forte. Batalhas essas, por ele vencidas, que abriram a campanha da Restauração e mostraram a Pernambuco, Bahia e Portugal, a viabilidade militar da expulsão dos holandeses à base de guerrilhas.

No deslocamento de Matias de Albuquerque para Alagoas, após a queda do Arraial do Bom Jesus e de Nazaré, Dias Cardoso foi elemento de fundamental importância na vanguarda patriota, servindo de guia e de proteção militar. Ao atingirem Serinhaém, Matias de Albuquerque, o promoveu a alferes, após onze anos de relevantes serviços prestados nas Companhias de Emboscadas. Teve, ainda, brilhante atuação no ataque, no cerco e na rendição de Porto Calvo.

Em 1636, quando sua companhia foi extinta, ingressou na companhia do capitão Sebastião Souto, o mais audacioso, temível e intrépido comandante de Companhia de Emboscadas e de ataques de surpresa. Na segunda tentativa de invasão a Salvador (1638), na trincheira de Santo Antonio, Dias Cardoso, após a morte do capitão Sebastião Souto, assumiu o comando da Companhia.

Novamente os holandeses são expulsos e sua companhia é desativada, ingressando no terço do capitão André Vidal de Negreiros, como ajudante.

Em 1640, após cumprir missão de reconhecimento, pelo mar, em Recife foi promovido a capitão, momento em que recebeu a missão do governador geral do Brasil, por indicação de Vidal de Negreiros, para deslocar-se até o interior pernambucano, a fim de apresentar-se a Fernandes Vieira, como sargento-mor (major), para organizar o "EXÉRCITO DA RESTAURAÇÃO PERNAMBUCANA", na condição de "GOVERNADOR DAS ARMAS".

Após seis meses de arregimentação, treinamento e preparação ao Sul do Rio Jaboatão, os patriotas estavam prontos para o primeiro grande combate contra os hereges batavos, só faltava a chegada dos terços de André Vidal de Negreiros, de Henrique Dias e de Felipe Camarão.

No Monte das Tabocas, em 03 de agosto de 1645 foi selado o triste destino holandês, confirmado nove anos depois na Campina do Taborda.

O comando do terço patriota de 1.200 homens coube a João Fernandes Vieira, o qual ficou com a reserva na parte mais alta da elevação e a Dias Cardoso (seu ajudante) coube a condução das operações, por ser militar experiente. Assim, pode aplicar seus conhecimentos táticos de quinze anos de combate: a surpresa, a velocidade, a iniciativa, a coragem, a coordenação, o aproveitamento judicioso do terreno e o violento combate corpo a corpo a espada.

Nessa batalha, os holandeses foram massacrados literalmente. E os patriotas enriquecidos pela vitória e pelo equipamento, armamento e munição abandonada pelo inimigo no campo de batalha.

Em Tamandaré desembarcaram os regimentos de André Vidal de Negreiros e de Martim Soares Moreno e dirigiram-se para Ipojuca e Pontal de Nazaré, respectivamente.

Dias Cardoso foi o único comandante a penetrar no recinto fortificado do Pontal e o seu comandante Dirk Van Hoogrtraten se rendeu, negociou, aderiu à causa patriota e entregou a fortaleza, que passou a ser a porta de entrada do apoio vindo da Bahia para os insurretos.

Os insurretos de Tabocas, em Santo Antonio do Cabo juntam-se aos terços dos brancos de Vidal de Negreiros, aos negros de Henrique Dias e aos índios de Felipe Camarão e seguem para Casa Forte. Em 17 de agosto do mesmo ano, caiu Casa Forte e seguiram para a Vila da Conceição, na ilha de Itamaracá.

Em junho de 1646, ao lado de Vieira e de Vidal de Negreiros, tomou parte da ação que culminou com o aprisionamento de três embarcações flamengas fundeadas entre Itamaracá e o continente, o que ocasionou o abandono holandês da "Cidadezinha de Schoppe", na referida ilha.

Em 15 de outubro de 1647, foi iniciada a construção do Forte Arraial Novo do Bom Jesus, cuja planta foi desenhada pelo holandês Dirck Van Hoogrtraten de forma quadrada

com dois baluartes, recebendo, de Dias Cardoso, 18 peças de artilharia conquistadas do inimigo, nos combates da ilha de Itamaracá.

Na primeira batalha dos Guararapes, coube-lhe papel de destaque e decisivo, na qualidade de sargento-mor do terço de Fernandes Vieira, atraindo as tropas holandesas, para o Boqueirão e para o ataque principal patriota.

Em missão na Paraíba, com a finalidade de distrair o inimigo e destruir suas plantações e suas tropas de gado, Dias Cardoso, regressou com inúmeros prisioneiros e com grande quantidade de armamentos e suprimentos.

Na segunda batalha (19 Fev 1649), Dias Cardoso atuou independentemente, comandando a chamada "Tropa Especial", forte de 550 homens que destrocaram toda a ala direita inimiga.

Na fase final da guerra, Dias Cardoso se ocupa do comando de operações que culminaram com a queda, no Recife, do Forte São Tiago e do Reduto Amália.

Em 4 de fevereiro de 1655, Dias Cardoso foi homenageado como Cavaleiro da Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo e, em 12 do mesmo mês, foi designado para comandar o terço de João Fernandes Vieira, enquanto este governasse a Paraíba.

Em 12 de maio de 1656 foi nomeado mestre de campo, após trinta e dois anos de excepcional carreira militar iniciada como soldado.

Tudo indica que sua última expedição militar foi contra os quilombos negros dos Palmares.

Dias Cardoso faleceu no Recife, provavelmente em setembro de 1670, com a idade aproximada de setenta anos, no comando do terço que fora de Fernandes Vieira, e de tão gloriosas tradições nas duas batalhas dos Guararapes.

A Dias Cardoso, foram atribuídos muitos títulos, além de contribuinte da formação da nacionalidade e da manutenção da integridade do Brasil colonial: "Precursor do Exército Brasileiro", "Arquiteto Militar da Restauração Pernambucana", "O Vencedor da batalha do Monte das Tabocas", "O Mestre da Emboscada", "O Abastecedor do Exército Restaurado", "A Espada da Restauração de Pernambuco", e "O Organizador e Primeiro comandante do Exército Brasileiro".

Leitura complementar

RAMIREZ, Luiz Carlos (org.). **Vultos históricos nacionais**. Resende: Editora Acadêmica, 2008.

ROSTY, C. S. **As invasões holandesas:** as batalhas do Monte das Tabocas e dos Montes Guararapes – as grandes vitórias. Brasília: EGGCF. 2002.

VALOR(ES), ATRIBUTO(S), E DEVER(ES) A SER(EM) TRABALHADO(S): CORAGEM, BRAVURA, DISCIPLINA, RESPEITO À HIERARQUIA, ESPÍRITO DE CORPO, LEALDADE, INICIATIVA, CRIATIVIDADE, PATRIOTISMO E TENACIDADE.

HERÓIS E PERSONALIDADES IMPORTANTES:
ATUAÇÃO MILITAR NA FORMAÇÃO E EVOLUÇÃO DO BRASIL



ANTÔNIO MARIA COELHO – BARÃO DE AMAMBAÍ



ORIGENS

Antônio Maria Coelho nasceu em Cuiabá, província do Mato Grosso, no dia 8 de setembro de 1827. Filho do tenente-coronel Vicente Coelho e de Maria Agostinha Carolina de Almeida. Assentou praça voluntariamente em 1839 no Batalhão de Artilharia Fixa de linha da referida província. Foi promovido a segundo sargento em 2 de novembro de 1840 e reconhecido cadete em 10 de janeiro de 1842. Matriculou-se na Escola Militar em 1843. Em decreto de 1847 foi promovido a alferes e destacado para o Corpo Fixo de Caçadores da 1ª linha da mesma província. Concluiu em 1849 o curso de infantaria.

O SOLDADO

No posto de capitão destacou-se para o Forte de Coimbra em 31 de janeiro de 1861, comandando a 4ª Companhia, assumindo também o comando do dito forte, sendo louvado pelo zelo, dedicação e inteligência que empregara no desempenho de suas funções.

Em 1865, por ocasião da invasão paraguaia na província de Mato Grosso, foi mandado retirar-se para Cuiabá, de onde seguiu para o Passo de S. Lourenço, comandando uma força. Em ordem do dia de 15 de maio, foi publicada a nomeação que teve de tenente-coronel de comissão, comandante do 1º Batalhão Provisório, com o qual nesse mesmo dia embarcou para o Baixo Paraguai, à frente dele atacou e tomou a vila de Corumbá em 13 de junho e reembarcou, em 24, para a capital da província.

Foi louvado pela presidência da província, não só pela bravura com que se portou no assalto e tomada de Corumbá, como também pelo procedimento que teve no combate de Alegre.

Prosseguiu viagem por via terrestre até a baía do Felix, onde embarcou e chegou a Cuiabá em 18 de setembro; em aviso de 13 de agosto do ministro da Guerra foi mandado

elogiar por Sua Majestade, o imperador, pela bravura que mostrou no acontecimento e tomada da praça de Corumbá, em 13 de junho, motivo por que teve um voto de reconhecimento da Câmara dos Deputados.

Foi promovido, em 11 de novembro de 1874, ao posto de tenente-coronel, sendo efetivado, em 30 de maio de 1875, para o 19º Batalhão e assumiu o Comando do Distrito Militar da Vila Maria em 23 de junho de 1876.

Em decreto de 28 de dezembro, foi transferido para o Comando do 2º Batalhão de Infantaria e teve permissão, em 26 de junho de 1877, para usar da espada de honra que lhe foi oferecida por seus comprovincianos residentes na capital do Império, em comemoração da tomada da vila de Corumbá.

Em 25 de junho de 1879, foi nomeado comandante das Armas, interinamente, da província de Mato Grosso, cujo exercício deixou em 5 de dezembro desse ano. Foi graduado no posto de coronel em 24 de janeiro de 1885 e promovido à efetividade desse posto em 14 de agosto do mesmo ano e ao de brigadeiro em 18 de agosto de 1888.

Foi nomeado inspetor dos Corpos da província de Mato Grosso em 28 de junho de 1889 e comandante da 2ª Brigada do Exército em 2 de novembro.

Proclamado o regime Republicano, foi nomeado, em 30 de novembro de 1889, comandante das Armas do Estado de Mato Grosso e promovido ao posto de marechal de Campo em 30 de janeiro de 1890.

Foi reformado no posto de marechal em 7 de abril de 1892. Por efeito de problemas políticos, foi detido na Fortaleza de Willegaignon, por decreto de 12 do referido mês, sendo anistiado em decreto de 5 de agosto do ano de 1892.

Foi agraciado com os graus de Cavaleiro e Grã-Cruz da Ordem de S. Bento de Aviz em 14 de maio de 1862 e 29 de abril de 1890, Oficial da Ordem do Cruzeiro em 19 de agosto de 1867, Oficial e Comendador da Ordem da Rosa em 8 de julho de 1868 e 1 de maio de 1875, medalhas de Mérito Militar e da Campanha do Paraguai e o título de Barão de Anhambaí com honras de grandeza em 28 de agosto de 1889.

O marechal reformado Antônio Maria Coelho, Barão de Anhambaí, faleceu no dia 20 de agosto de 1894 na cidade de Corumbá, província de Mato Grosso.

Leitura complementar

LAGO, Laurêncio. **Os Generais do Exército Brasileiro**: de 1860 a 1889. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942.

VALOR(ES), ATRIBUTO(S), E DEVER(ES) A SER(EM) TRABALHADO(S): AMOR À PROFISSÃO, CORAGEM. DISCIPLINA, RESPEITO À HIERARQUIA, ESPÍRITO DE CORPO, FÉ NA MISSÃO DO EXÉRCITO E BRAVURA.

HERÓIS E PERSONALIDADES IMPORTANTES:
ATUAÇÃO MILITAR NA FORMAÇÃO E EVOLUÇÃO DO BRASIL



GENERAL ANTÔNIO TIBÚRCIO FERREIRA DE SOUZA



ORIGENS

Filho de Francisco Ferreira de Sousa e de D. Margarida Ferreira do Nascimento, nasceu em 11 de agosto de 1837, na vila de Viçosa do Ceará. Assentou praça em 26 de junho de 1851, no Meio Batalhão de Caçadores da província do Ceará, com sede na Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção. Foi mandado para o depósito da Corte, no Rio de Janeiro, em fevereiro de 1852 e, por ofício de 7 de dezembro desse ano, transferido para o 1º Batalhão de Artilharia a Pé. Foi promovido a furriel no dia 16 e a segundo sargento no dia 21, no mês de fevereiro de 1853. Em 12 de março de 1856, matriculou-se na Escola Militar.

O SOLDADO

Depois de ter cursado a Escola Central, vamos encontrá-lo 1º tenente, em fins de 1864, classificado novamente no 1º Batalhão de Artilharia a Pé, com o qual foi convocado para a campanha do Uruguai.

Com a entrada do Brasil na guerra da Tríplice Aliança, foi enviado para o Teatro de Operações do Paraguai, onde, nos cinco anos de guerra, sua ação destemida e corajosa foi reconhecida e proclamada pelos seus chefes nas diversas partes dos combates travados em terra ou nas águas dos rios. Dentre esses, salientaram-se: como marinheiro, em Riachuelo e Mercedes; como artilheiro, em Itapiru e Corrientes; infante, em Estero Bellaco, Avahy, Potreiro Pires, Estabelecimento, Humaita, Araçá, Timbor, Tebicuary, Lagoa, Junco e Angustura; e como engenheiro, em Itapiru e no Chaco.

Conquistou, como merecido prêmio, os postos intermediários e ascendentes de sua carreira, desde o de tenente, quando na luta entrou, até o de coronel ao terminar a cruenta peleja.

Por conta de cada uma dessas conquistas, recebeu o galardão das seguintes condecorações:

– Medalha de Prata de Corrientes: foi-lhe conferida pelo Congresso Argentino, comemorativa ao combate da cidade de Corrientes, em 25 de maio de 1865;

– Medalha de Prata de Riachuelo: foi condecorado com a medalha de prata comemorativa da batalha naval de Riachuelo, por ter tomado parte nesse feito, destacado no vapor "Beberibe", passando-se depois para o "Belmonte";

– Cavaleiro da Ordem da Rosa: por decreto de 27 de junho de 1866, foi-lhe conferido o grau de Cavaleiro da Ordem da Rosa, pelos serviços prestados na defesa da Ilha Cabrita, em 10 de abril;

– Oficial da Ordem da Rosa: por decreto de 17 de agosto de 1866, foi-lhe conferido o grau de Oficial da Ordem da Rosa, pelos serviços prestados em campanha, de 16 e 17, e 2 e 24 de maio;

– Comendador da Ordem da Rosa: por decreto de 13 de abril de 1867, foi-lhe conferido o grau de Comendador da Ordem da Rosa, pelos serviços prestados nos combates de 16 a 18 de julho de 1866;

– Cavaleiro da Imperial Ordem do Cruzeiro: em 3 de janeiro de 1866, foi-lhe conferido o grau de Cavalheiro da Ordem Imperial do Cruzeiro, por se haver distinguido no ataque de Corrientes, em 25 de maio do ano anterior;

– Oficial da Imperial Ordem do Cruzeiro: por decreto de 11 de abril de 1868, foi-lhe conferido o grau de Oficial da Ordem do Cruzeiro, pelos serviços prestados no combate de Estabelecimento;

– Medalha de Mérito Militar: foi-lhe conferido o uso da medalha de Mérito Militar, pelos combates de 12 a 18 de agosto de 1869;

– Medalha Geral da Campanha do Paraguai: em 24 de outubro de 1871, foi público ter-lhe sido conferida a Medalha Geral da Campanha do Paraguai com o passador de ouro e o número quatro indicativo dos anos em que serviu no Exército em operações;

– Medalha de Prata da Campanha do Uruguai: a 15 de dezembro de 1869, foi público ter-lhe sido conferida a Medalha de Prata da Campanha do Uruguai, em atenção aos relevantes serviços prestados; e

– Espada de honra: por portaria do ministro da Guerra, em 1 de julho de 1879, foi-lhe permitido o uso desta espada que lhe foi oferecida pela Escola de Tiro de Campo Grande.

Além de soldado experimentado e destacado guerreiro, era um administrador adestrado que conhecia todos os segredos do ofício, tendo ocupado com muito bom desempenho vários cargos na administração pública, dentre eles:

– inspetor das fortalezas do litoral do norte do Brasil, da Fortaleza de São João da Barra do Rio de Janeiro, do 11º e 15º Batalhão de Infantaria, estacionados no Ceará e no Pará e comandante das Armas de Pernambuco;

– em 1873, foi encarregado de assistir, na Europa, a exposição universal de Viena d'Áustria e estudar os melhoramentos modernos introduzidos na arte da guerra, especialmente na Arma de Artilharia, além de visitar os principais estabelecimentos militares da Rússia, França e Inglaterra;

– no comando da Escola de Infantaria e Cavalaria do Rio Grande do Sul, exercia simultaneamente as funções de comandante, professor e instrutor;

– as ocupações de natureza profissional não o inibiram das preocupações de ordem política do Império e do Ceará, mantendo um intenso diálogo, por correspondência, com os amigos cearenses com troca de informes e apreciações;

– aspirou candidatar-se à representação senatorial do Ceará, possibilidade que nunca se concretizou; e

– teve uma importante participação na libertação antecipada dos escravos cearenses.

Foi promovido a brigadeiro com 43 anos. Morreu relativamente jovem em Fortaleza, então capital da província do Ceará, aos 48 anos incompletos, e foi enterrado no Cemitério São João Batista, em meio a grande comoção popular. Por ocasião das solenidades de comemoração do 1º centenário do seu nascimento, seus restos mortais foram levados para uma praça que tem seu nome, ao lado do antigo Palácio do Governo.

Leitura complementar

SOUSA, Eusébio de. **Tibúrcio** - O grande soldado e pensador. Fortaleza: UFC, 1937.
LAGO, Laurêncio. **Os Generais do Exército Brasileiro**: de 1860 a 1889. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942.

VALOR(ES), ATRIBUTO(S), E DEVER(ES) A SER(EM) TRABALHADO(S): AMOR À PROFISSÃO, CORAGEM, DISCIPLINA, RESPEITO À HIERARQUIA, ESPÍRITO DE CORPO, FÉ NA MISSÃO DO EXÉRCITO, PATRIOTISMO, PROBIDADE, RIGOROSO CUMPRIMENTO DOS DEVERES E BRAVURA.

HERÓIS E PERSONALIDADES IMPORTANTES:
ATUAÇÃO MILITAR NA FORMAÇÃO E EVOLUÇÃO DO BRASIL



BRIGADEIRO HILÁRIO MAXIMINIANO ANTUNES GURJÃO



ORIGENS

Hilário Maximiniano Antunes Gurjão nasceu em Belém do Pará, no dia 21 de fevereiro de 1820, e muito cedo ingressou no Exército brasileiro. Aos 14 anos de idade, já acompanhava seu pai ao lado dos legalistas, participando das lutas civis que ensanguentaram o Pará no ano de 1834. Aos 16 anos, estava a bordo da escuna "Bela Maria", no bloqueio feito em 13 de maio de 1836 contra os cabanos comandados por Eduardo Angelim, que fugiram para o município de Acará.

O SOLDADO

Foi promovido a cadete em 1837. Em 28 de fevereiro de 1839, foi designado para o comando das tropas sediadas na Fortaleza de São José de Macapá. Em Macapá, recebeu, em 2 de dezembro desse mesmo ano, a promoção ao posto de segundo tenente. Retornou à Belém, onde cursou a Escola de Artilharia e, em 1841, foi promovido a capitão, com apenas 21 anos de idade. Viajando para o Rio de Janeiro, matriculou-se na Escola Militar, vindo a tornar-se bacharel em Matemática, obtendo a classificação na Arma de Artilharia. Exerceu vários cargos militares no Pará e Amazonas com a missão de fortificar a região amazônica. Em 1857, atingiu o posto de tenente-coronel, quando inspecionou as Fortalezas de Macapá, Gurupá e Óbidos.

Retornando ao Rio de Janeiro, assumiu o comando do 3º Batalhão de Artilharia, onde recebeu a condecoração de Cavaleiro da Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo e o hábito de São Bento de Aviz. Comandou a Fortaleza de Santa Cruz e o 1º Batalhão de Infantaria sediado na corte. Em 1865, distinguiu-se na guerra do Paraguai com a patente de coronel; foi para o campo de batalha e dirigiu o bombardeio de Itapiru em 1866 e as ações de artilharia no Passo da Pátria e em Tuiuti; comandou a guarnição de Corrientes e as forças do Chaco em ação combinada com a esquadra em 3 de setembro de 1867; desalojou os paraguaios de Sauce em 21 de março de 1868, obrigando-os a abandonar toda a linha de fortificações próxima (inclusive a fortaleza de Curuzu) e a se concentrarem em Humaitá.

Seguindo para o Chaco, conseguiu estabelecer a comunicação entre a esquadra ancorada abaixo de Angustura e a que se encontrava em frente à Vileta. Em novembro,

foi designado por Duque de Caxias para comandar a Artilharia do 2º Corpo do Exército sob a liderança do marechal Argolo Ferrão e, graças à ação de Hilário Gurjão, efetuou-se, em 5 de dezembro, o desembarque do 2º Corpo em Santo Antônio. O combate foi terrível. O marechal Argolo foi ferido e morreu, o coronel Fernando Machado caiu na Batalha. Essas duas baixas criaram indecisão entre os oficiais e soldados. Vendo a gravidade da situação, o general Gurjão, subcomandante da tropa, galopou sobre a ponte gritando ordens para atacar, sendo recebido por uma saraivada de balas. Tombou gravemente ferido na outra extremidade da ponte. Duque de Caxias chegou logo depois, e os paraguaios foram derrotados.

O bravo general foi transportado para a cidade de Humaitá, e, infelizmente, veio a falecer no dia 17 de janeiro de 1869. Posteriormente, seus restos mortais foram transferidos para Belém e sepultados no cemitério da "Soledade". A prefeitura de Macapá, para homenagear esse ilustre militar, comandante das tropas em Macapá, deu seu nome a uma das avenidas da cidade.

Leitura complementar

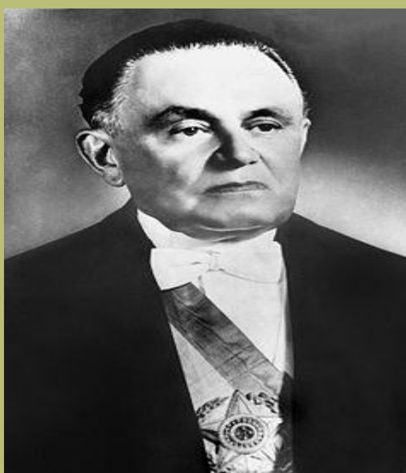
BARBOSA, Coaracy Sobreira. **Personagens Ilustres do Amapá**. Vol. II.
LAGO, Laurêncio. **Os Generais do Exército Brasileiro**: de 1860 a 1889. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942.

VALOR(ES), ATRIBUTO(S), E DEVER(ES) A SER(EM) TRABALHADO(S): AMOR À PROFISSÃO, CORAGEM, DISCIPLINA, RESPEITO À HIERARQUIA, ESPÍRITO DE CORPO, FÉ NA MISSÃO DO EXÉRCITO, PATRIOTISMO, RIGOR NO CUMPRIMENTO DOS DEVERES E BRAVURA.

HERÓIS E PERSONALIDADES IMPORTANTES:
ATUAÇÃO MILITAR NA FORMAÇÃO E EVOLUÇÃO DO BRASIL



MARECHAL HUMBERTO DE ALENCAR CASTELO BRANCO



ORIGENS

Humberto de Alencar Castelo Branco nasceu em Fortaleza no dia 20 de setembro de 1897, filho do oficial do Exército Cândido Borges Castelo Branco e de Antonieta de Alencar Castelo Branco. Seu pai foi autor da obra *Comando militar*, que durante certo tempo teve ampla circulação nas Forças Armadas. Do lado paterno, descendia de portugueses, sendo que alguns de seus ancestrais dedicaram-se à criação de gado no Piauí. Antigo legislador estadual e membro da Guarda Nacional, seu bisavô materno Tristão Antunes de Alencar, por quem sua mãe fora criada, foi um homem relativamente próspero, proprietário de vários sítios no Ceará. Entre seus ancestrais, figura o romancista e ministro da Justiça do Império José de Alencar (1829-1877).

Após seu nascimento, sua família fixou-se nos arredores de Mecejana (CE), em sítio pertencente a Tristão Antunes de Alencar, onde sua mãe vivera. Após sucessivas transferências de seu pai para Recife e para o Rio de Janeiro, então Distrito Federal, a família retornou à Fortaleza em 1905, lá permanecendo por quatro anos. Nesse tempo, Castelo Branco estudou no Externato São Rafael. Entre 1909 e 1911, acompanhando os deslocamentos do pai, foi aluno em três diferentes colégios: Aires da Gama (Recife), Liceu do Piauí (Teresina) e Liceu do Maranhão (São Luís).

O SOLDADO

Nos primeiros meses de 1912, seu pai foi novamente transferido, desta vez para a cidade de Rio Pardo (RS). Interessado em seguir a carreira militar, Castelo Branco ingressou no Colégio Militar de Porto Alegre. Ao concluir seu curso em 1917, voltou a residir com sua família, que já há alguns anos se instalara no Rio de Janeiro. Ingressou, em 1918, na Escola Militar do Realengo e, no ano seguinte, optou pela Arma de Infantaria, onde teve como instrutor o tenente Henrique Teixeira Lott.

Declarado aspirante a oficial de infantaria em 1921, deixou o Rio de Janeiro e foi para Belo Horizonte, onde serviu no 12º Regimento de Infantaria. Em 1924, ainda como

tenente, fez o Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais e, ao retornar para o 12º RI, recebeu a missão de comandar um destacamento da unidade e integrar as forças legalistas que viriam a enfrentar e vencer revoltas internas eclodidas em São Paulo, no ano de 1925.

Como capitão, o valor intelectual de Castello Branco sobressaiu-se em 1931, concluindo o Curso de Estado-Maior do Exército em 1º lugar. Já no posto de tenente-coronel, integrou o primeiro escalão da Força Expedicionária Brasileira (FEB), exercendo a importante função de chefe da Seção de Operações do Estado-Maior, no período de 1944 a 1945. O desempenho dessa função, durante toda a campanha da Itália, fez surgir a sua histórica liderança militar.

Além de ter sido peça fundamental para o êxito da FEB, foi o discreto e persistente reformador doutrinário do Exército na década de 1950 e o grande chefe militar que conduziu a instituição pelo caminho seguro em um dos momentos mais difíceis da História do Brasil nos anos 60.

Castello Branco dedicou-se integralmente à carreira militar, desempenhando, com força de caráter, liderança incontestável e talento intelectual, várias funções de importância no Exército, tais como: Comando da 8ª e 10ª Regiões Militares, Comando Militar da Amazônia e chefia do Estado-Maior do Exército. Neste último cargo, empreendeu todos os esforços contrários à implementação de um regime totalitário no país, sendo um dos líderes da Revolução Democrática de 31 de março de 1964.

Eleito presidente da República pelo Congresso Nacional, em 11 de abril de 1964, três dias depois foi promovido ao posto de marechal, passando para a reserva.

O estadista emergiu da figura do chefe militar alçado à Presidência da República. Em primeiro lugar, concentrou-se na tarefa de restabelecer a ordem no Brasil, dando ao país as condições de estabilidade necessárias à retomada do desenvolvimento.

Em seguida, dedicou-se a resolver sérios impasses que a nação experimentava: a situação econômica, o problema agrário, a questão habitacional, os serviços de infraestrutura, a política internacional, a reforma e integração das Forças Armadas, entre outros.

Faleceu tragicamente em decorrência de um acidente aéreo, em 18 de julho de 1867 e foi sepultado no Rio de Janeiro. Em julho de 1972, seus restos mortais e os de sua esposa (falecida em 1963) foram levados para Fortaleza e depositados no mausoléu da Abolição, construído pelo arquiteto Sérgio Bernardes, junto ao palácio do governo.

Leitura complementar

LANNING, Michael Lee. **chefes, líderes e pensadores militares**. Trad. Ulisses Lisboa Perazzo Lannes. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1999.

SOUZA, João Barcelos de. **Os fatos sem retoques**. Governos Castelo Branco e Costa e Silva. v 2.Porto Alegre [s.e.], 1993.

VALOR(ES), ATRIBUTO(S), E DEVER(ES) A SER(EM) TRABALHADO(S): AMOR À PROFISSÃO, APRIMORAMENTO TÉCNICO-PROFISSIONAL, CORAGEM, ESPÍRITO DE CORPO, FÉ NA MISSÃO DO EXÉRCITO, HONESTIDADE, INTEGRIDADE, PATRIOTISMO, PROBIDADE, RIGOR NO CUMPRIMENTO DOS DEVERES E TRATO DO SUBORDINADO COM DIGNIDADE.

HERÓIS E PERSONALIDADES IMPORTANTES:
ATUAÇÃO MILITAR NA FORMAÇÃO E EVOLUÇÃO DO BRASIL



MARECHAL JOÃO BATISTA MASCARENHAS DE MORAIS



ORIGENS

João Batista Mascarenhas de Morais nasceu em São Gabriel (RS) no dia 13 de novembro de 1883, filho de Lafaiete Apolinário de Morais e de Manuela Mascarenhas de Morais. Seu avô, Enéias Apolinário de Morais, participou da Revolução Farroupilha, que conflagrou o Rio Grande do Sul de 1835 a 1845.

Entre 1899 e 1902, Mascarenhas de Morais cursou a Escola Preparatória e de Tática de Rio Pardo (RS), transferindo-se, em seguida, para o Rio de Janeiro, então Distrito Federal, onde ingressou na Escola Militar do Brasil, situada na Praia Vermelha. Com a revolta dos cadetes, que provocou o fechamento dessa escola em novembro de 1904, foi incorporado como soldado ao 23º Batalhão de Infantaria.

Em fevereiro do ano seguinte, foi transferido para o 6º Batalhão de Artilharia de Posição, situado na fortaleza de São João e, em junho, integrou o grupo de cadetes considerados não revoltosos que prestou exames finais correspondentes ao ano letivo de 1904.

Aprovado, Mascarenhas de Morais passou à condição de alferes-aluno, com o curso das três armas. Em 1907, foi promovido a segundo tenente e colocado à disposição do ministério das Relações Exteriores para servir no contingente militar agregado à comissão de limites do Brasil com a Bolívia. Ainda nessas funções, cursou a Escola de Artilharia e Engenharia em 1908 e, dois anos depois, diplomou-se em matemática e ciências físicas, sendo então promovido a primeiro tenente.

O SOLDADO

Durante a Revolução de 1930, Mascarenhas manteve sua lealdade ao presidente Washington Luís e foi preso pelos rebeldes liderados por Getúlio Vargas, que no futuro se tornaria presidente, após a expulsão de Washington Luiz.

Após a liberação, Mascarenhas continuou sua carreira no Exército. Foi colocado sob prisão pela segunda vez, quando proclamou o seu apoio a uma revolta militar e civil contra Vargas, em São Paulo (1932). Mais uma vez, após a derrota do levante, Mascarenhas foi liberado e não processado.

Em 1935, enquanto comandava a Escola Militar do Realengo, Mascarenhas de Moraes tomou parte na luta contra um levante comunista no Rio de Janeiro. Desta vez sua lealdade era com o governo constitucional de Getúlio Vargas. Em 1937, tornou-se general de brigada e foi transferido para comandar a 9ª Região Militar (9ª RM), em Campo Grande, hoje no Mato Grosso do Sul. No ano seguinte, foi nomeado comandante da Artilharia Divisionária da 1ª Divisão de Infantaria, no Rio de Janeiro.

Da capital fluminense acompanhava o desenrolar das operações de guerra na Europa e no Atlântico Sul, com o afundamento do Couraçado Admiral Graf Spee. Nesse momento, a questão do saliente nordestino começa a circular nos meios militares. E é aí que o general Mascarenhas de Moraes resolve pleitear, junto ao ministro da Guerra, um comando fora do Rio de Janeiro, de preferência no Nordeste, e foi atendido.

No ano de 1941, foi designado comandante da 7ª Região Militar (7ª RM), em Recife. A partir desse momento, começa a se engajar definitivamente nos misteres relativos à eventual preparação militar do Brasil para a Segunda Guerra Mundial. Comandando a 7ª RM, passava a comandar a área estratégica mais importante do território brasileiro nessa hora de conflito. Em 1943, ele foi nomeado comandante da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária da Força Expedicionária Brasileira (FEB).

O general chegou à Itália com as primeiras tropas brasileiras em junho de 1944 e comandou as forças brasileiras a partir do mês de novembro até a rendição das forças do Eixo na Itália, em 2 de maio de 1945. Após o fim da guerra, ele retornou ao Brasil e, em 1946, foi promovido a marechal, por ato do Congresso Nacional, e recebeu o comando da 1ª Região Militar na então capital brasileira, Rio de Janeiro.

Em 1953, foi nomeado chefe do Estado-Maior das Forças Armadas (EMFA), oportunidade em que acompanhou a crise política que levaria ao suicídio de Getúlio Vargas no ano seguinte. Depois do suicídio do presidente, em agosto de 1954, ele retornou para a reserva e publicou as suas memórias como comandante da FEB. Em 1955, apoiou o Movimento de 11 de Novembro, liderado pelo general Teixeira Lott, que garantiu a posse de Juscelino Kubitschek na presidência da República.

Em julho de 1957, Mascarenhas assume a presidência da comissão de repatriamento dos restos mortais dos pracinhas enterrados em Pistóia, que possibilitou a construção, em 1960, do Monumento Nacional aos Mortos da II GM no Rio de Janeiro, onde repousam condignamente os nossos heróis mortos na Itália. Veio a falecer no Rio de Janeiro em 17 de setembro de 1968.

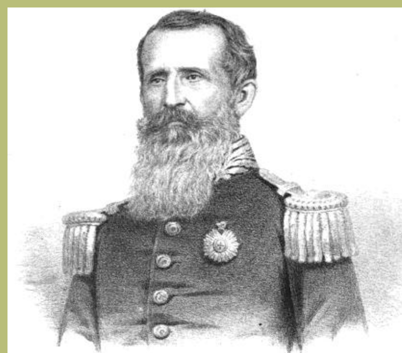
Leitura complementar

LANNING, Michael Lee. **chefes, líderes e pensadores militares**. Trad. Ulisses Lisboa Perazzo Lannes. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1999.
MATTOS, Carlos Meira. **Mascarenhas de Morais e sua época.**. Biblioteca do Exército: Rio de Janeiro, 1º Volume, 1983. p. 75-7.

VALOR(ES), ATRIBUTO(S), E DEVER(ES) A SER(EM) TRABALHADO(S): AMOR À PROFISSÃO, APRIMORAMENTO TÉCNICO-PROFISSIONAL, CORAGEM. DISCIPLINA E RESPEITO À HIERARQUIA, ESPÍRITO DE CORPO, FÉ NA MISSÃO DO EXÉRCITO, INTEGRIDADE, LEALDADE, PATRIOTISMO, PROBIDADE, RIGOR NO CUMPRIMENTO DOS DEVERES E TRATO DO SUBORDINADO COM DIGNIDADE.



GENERAL JOAQUIM JOSÉ DE ANDRADE NEVES



ORIGENS

Filho do sargento-mor José Joaquim de Figueiredo Neves e D. Francisca Ermelinda de Andrade nasceu na cidade de Rio Pardo, na província do Rio Grande, em 22 de janeiro de 1807. Oriundo de uma família de militares, teve em seu pai e no seu tio, o capitão Francisco José de Figueiredo Neves, a inspiração para a carreira das armas.

Ainda criança perdeu a sua mãe. O pai, em 1813, casou-se novamente e desse matrimônio resultou 7 filhos, que adicionados aos do primeiro enlace, completaram 14 no total. Aos dezenove anos de idade sentou praça como 1º cadete no 5º Regimento de Cavalaria de Linha, em 20 de novembro de 1826. Pouco depois, abandonou a carreira das armas, para atender ao chamamento do pai, com a finalidade de auxiliá-lo nos encargos familiares. Quatorze filhos para sustentar e educar não era uma missão fácil. Filho obediente, o jovem Andrade Neves deixou o Exército em 10 de dezembro de 1827, recolhendo-se à fazenda da família, assim como os irmãos mais velhos, para que nada faltasse aos irmãos mais novos.

O SOLDADO

Ao iniciar a Revolução Farroupilha, retornou à Força Terrestre, do lado legalista. Àquela época, Andrade Neves fora comissionado como major, assumindo o comando de um "Esquadrão Ligeiro de Guardas Nacionais".

Em 4 de outubro de 1836, Bento Gonçalves (legalista) consegue aprisionar Bento Manuel (farroupilha) durante a transposição do rio Jacuí, pela Ilha da Fanfa. Na perseguição e na refrega do combate, Andrade Neves esteve sempre à frente e de tal modo se portou, que ali mesmo, no campo de batalha, foi confirmado como major da Guarda Nacional de Rio Pardo, posto que vinha ocupando em comissão.

Em 7 de dezembro de 1839, foi promovido ao posto de tenente-coronel e, posteriormente, em 25 de janeiro do ano seguinte, tornou-se major honorário do Exército Imperial. A designação como membro da Força Terrestre permanente brasileira fez com que pudesse ser mobilizado a qualquer momento.

Na travessia do rio Taquari, o tenente-coronel Andrade Neves mais uma vez se destacou pela bravura e denodo de seus Guardas Nacionais, ao retardarem as forças farroupilhas. Neste combate, foi ferido duas vezes por arma de fogo, mas continuou a lutar até que a vitória viesse.

Retornou a sua terra natal, ao final de 1840, sem se descuidar da defesa contra os soldados farroupilhas. Os anos se passaram com algumas escaramuças até que, em 1842, Caxias assumiu a presidência da província do Rio Grande do Sul e o comando das Forças Imperiais, determinando a incorporação de Andrade Neves as suas tropas.

Nos estertores da Revolução Farroupilha, Andrade Neves se destacou, ainda, nos combates do Passo da Pátria, em 28 de abril de 1843, e na região do Cerro Partido, em 7 de dezembro de 1844.

A guerra terminou em 1º de março de 1845, com a reintegração dos farrapos à unidade nacional. Andrade Neves, agora coronel, retornou a Rio Pardo com a certeza de que combatera durante dez anos por uma causa nobre e justa.

Após um breve período de paz, voltou a empunhar armas para lutar nas campanhas de 1851 e 1852, sob o comando de Caxias, quando organizou e assumiu o comando da 7ª Brigada de Cavalaria. Vencidos Oribe e Rosas, Andrade Neves dissolveu a sua grande unidade e retirou-se novamente para Rio Pardo.

Mais uma vez os filhos do Rio Grande foram chamados à luta e Andrade Neves não se furtou do seu compromisso com a Pátria. A linha de fronteira entre o Império Brasileiro e a República Oriental era instável durante o ano de 1864.

Um novo exército foi formado para fazer frente ao nosso belicoso vizinho. O general João Propício Mena Barreto organizou duas divisões. A 1ª sob o comando do general José Luiz Mena Barreto e a 2ª, do general Manuel Luís Osorio. A 2ª Divisão, forte em forças hipomóveis, era composta por três Brigadas, sendo a 1ª Brigada de Cavalaria comandada, pelo agora, brigadeiro Andrade Neves.

Em 20 de fevereiro de 1865, D. Venâncio Flores assumiu o governo de Montevidéu e a campanha do Uruguai foi encerrada. Entretanto, a paz não durou muito tempo. Uma outra campanha já estava em curso e duraria seis longos anos.

A invasão do Mato Grosso e da mesopotâmia argentina, sem declaração de guerra ou estado de beligerância, levaram à instituição do Tratado da Tríplice Aliança contra o governo de Solano Lopez, em 1º de maio daquele ano.

Osorio, no comando do Exército Imperial, atravessou o rio Uruguai em 11 de julho de 1865 e penetrou na Argentina, pelas províncias de Entre Rios e Corrientes, em direção ao Paraguai. Nessa oportunidade, o brigadeiro Andrade Neves recebeu o comando de uma divisão a três brigadas hipomóveis. Poucos dias antes da batalha de Tuiuti, retirou-se do Teatro de Operações em virtude de grave enfermidade, o que o fez retrair para Rio Pardo a fim de se tratar.

Retornou ao território guarani após restabelecido, em outubro de 1866, recebendo o comando da 1ª Brigada de Cavalaria. Para ele, que já comandara uma Divisão, era quase uma desconsideração. Mas não discutiu, nem se mostrou ofendido, assumiu o comando.

Com a chegada de Caxias, foi lhe dado o comando da sua 2ª Divisão de Cavalaria, à frente da qual haveria de se cobrir de glórias. O Exército se moveu de Tuiuti para Tuiu-Cuê com Osorio, que havia chegado com o 3º Corpo de Exército (3º CEx), na vanguarda.

Andrade Neves e sua Divisão, subordinados agora ao 3º C Ex cumpria as funções de "vanguardeiro" do Exército Imperial, nos pântanos inóspitos do Paraguai.

Na batalha de Tuiu-Cué, em 16 de julho de 1867, participou da tomada da trincheira de Punta Carapá, arrastando os paraguaios em derrota até Humaitá. Em 3 de agosto, derrotou 700 cavaleiros em Arroio Hondo. Em 20 de setembro, tomou a vila de Pilar. Em 3 de outubro, defendeu a posição de São Solano e, em 21 de outubro, atacou 4 regimentos de cavalaria paraguaia e os derrotou.

Sua Divisão era apelidada pelos paraguaios de "*caballeria loca de cuenta*" (cavalaria louca varrida). Por causa dessa vitória foi nomeado Barão do Triunfo, recebendo o título nobiliárquico em 19 de outubro de 1867.

A partir de 1868, fez diversos reconhecimentos para ajudar na Passagem de Humaitá, ao mesmo tempo tomava *Estabelecimiento*, fortaleza defendida por 15 canhões, apoiada por 2 navios com artilharia, além de 2 fossos e bocas de lobo. Sob pesadas perdas, foi ferido e teve seu cavalo morto, mandou desmontar sua tropa de cavalaria e atacou a fortaleza até tomá-la. Participou com extrema bravura da Batalha do Avaí.

Foi mortalmente ferido em Potrero Marmoré, quando atacava uma trincheira, na Batalha de Lomas Valentinas. Foi levado à Assunção e recolhido ao palácio tomado de Solano López, onde agonizou. Em seu derradeiro momento, ergueu-se a meio no leito, as mãos convulsas agitadas no ar, como se estivesse à frente de seus comandados, e bradou arquejante:

"Mais uma carga, camaradas!"

No delírio, ele ainda via os seus soldados, ainda sentia o tropel das cargas, ainda ouvia o troar dos canhões. Olhou um ponto ao longe, e caiu desfalecido no leito para nunca mais se erguer. Parou de bater para sempre, em 6 de janeiro de 1869, o coração do "Vanguardeiro|".

Leitura complementar

ANTUNES, Deoclécio de Paranhos. **Andrade Neves:** o vanguardeiro! 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2008.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Guia histórico de Porto Alegre**, 4. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 2006.

VALOR(ES), ATRIBUTO(S), E DEVER(ES) A SER(EM) TRABALHADO(S): AMOR A PROFISSÃO, CORAGEM, DISCIPLINA, RESPEITO À HIERARQUIA, ESPÍRITO DE CORPO, FÉ NA MISSÃO DO EXÉRCITO, LEALDADE, PATRIOTISMO, PROBIDADE, RIGOROSO CUMPRIMENTO DOS DEVERES, TRATO DO SUBORDINADO COM DIGNIDADE E BRAVURA.

HERÓIS E PERSONALIDADES IMPORTANTES:
ATUAÇÃO MILITAR NA FORMAÇÃO E EVOLUÇÃO DO BRASIL



MARECHAL JOAQUIM XAVIER CURADO



ORIGENS

Filho de João Gomes Curado e de Dona Maria Josefa Pinheiro. Nascido na Freguesia da Meia Ponte, hoje Pirenópolis, em uma família tradicional. Órfão de pai, partiu ainda adolescente para o Rio de Janeiro, a fim de habilitar-se para ingressar na Universidade de Coimbra.

O SOLDADO

Aos vinte e um anos, a convite do Conde da Cunha, deixou o seminário de São José e ingressou no Exército como alferes de infantaria, demonstrando sua verdadeira vocação para a vida militar. Já em 1776, como capitão, participou da retomada da vila do Rio Grande, liberando-a do domínio espanhol. Em 1798, foi promovido a tenente-coronel de infantaria, planejou e implementou a Academia Militar, precursora da atual Academia Militar das Agulhas Negras.

Joaquim Xavier Curado é considerado o primeiro militar nascido no Brasil que conseguiu altos postos no Exército Colonial. Foi figura central para a política expansionista portuguesa nas regiões platinas, tanto no período Joanino quanto no reinado de Pedro I.

Durante vinte anos, Xavier Curado foi responsável pela coordenação de uma espécie de "inteligência" portuguesa no Rio da Prata. Seu papel era muito mais de um agente secreto, atuando no serviço de informações e aconselhando estratégias para invasão, do que de comandante militar. Diversas vezes ultrapassou clandestinamente a fronteira para investigar as condições de resistência das colônias espanholas e buscar apoio da população a fim de facilitar a entrada das tropas e a ocupação portuguesa na região. Esse trabalho lhe rendeu inúmeras condecorações e medalhas – Órdens do Cruzeiro, São Bento, de Aviz, e a mais importante condecoração militar da época, a de Comendador da "Ordem da Torre e Espada do Valor, Lealdade e Mérito", recebida por decreto de Dom

João VI. Recebeu, ainda, o título nobiliárquico de Barão e o de Conde de São João das Duas Barras (1826).

Em 1800, com a patente de coronel, esteve à frente do governo de Santa Catarina por cinco anos, época marcada por sua dedicação ao cargo e à população catarinense.

Como general, Xavier Curado participou ativamente das batalhas da chamada Banda Oriental, lançando-se em favor da definição das nossas fronteiras. Nessa campanha, como comandante do Exército Pacificador, alcançou memoráveis êxitos, vencendo importantes batalhas no sul do país.

Anos depois, de volta ao Rio de Janeiro, liderou forças que se posicionaram a favor da emancipação do Brasil em relação à Coroa portuguesa. Em virtude do Dia do Fico, prenúncio das lutas pela Independência Brasileira, o general Curado exerceu um papel fundamental frente ao contingente congregado no ideal da Independência.

Joaquim Xavier Curado faleceu no dia 15 de setembro de 1830, aos oitenta e sete anos, tendo exercido importantes funções até o final de sua vida.

Leitura complementar

AZEVEDO, Francisca Nogueira de. Dom Joaquim Xavier Curado e a Política Bragantina para as províncias (1800 -1808). **Topoi**. Rio de Janeiro, 2002.

ÉLIS, Bernardo. **Marechal Xavier Curado,** Criador do Exército Nacional**.** Goiânia: R&F Editora, 2005.

VALOR(ES), ATRIBUTO(S), E DEVER(ES) A SER(EM) TRABALHADO(S): AMOR À PROFISSÃO, CORAGEM, DISCIPLINA, RESPEITO À HIERARQUIA, ESPÍRITO DE CORPO, FÉ NA MISSÃO DO EXÉRCITO, INTEGRIDADE, LEALDADE E BRAVURA.



MARECHAL MANOEL DEODORO DA FONSECA



ORIGENS

Nasceu na província de Alagoas, no dia 5 de agosto de 1827. Filho do militar Manuel Mendes da Fonseca e de D. Rosa Maria Paulina da Fonseca, entronizada como patrono da Família Militar (Portaria do Comandante do Exército nº 650, de 10 de junho de 2016), tinha sete irmãos, dos quais seis entraram para o Exército Imperial. Desde muito jovem, mostrou interesse pela carreira das armas, tornando-se cadete de 1ª classe em 1845.

O SOLDADO

Destinado à carreira das armas como todos os seus irmãos, matriculou-se na Escola Militar da Corte em março de 1843. Assentou praça no 4º Batalhão de Artilharia a Pé em 1845 e concluiu o curso de artilharia em 1847. No ano seguinte, combateu a Revolução Praieira, em Pernambuco. Em 2 de fevereiro de 1849, teve o seu batismo de fogo, merecendo elogios e sendo promovido ao posto de segundo tenente. Galgou o posto subsequente em 1852. Contraiu núpcias, em 1860, com a Srª Mariana Cecília de Souza Meireles, mas não teve filhos. Em dezembro de 1864, como capitão do 1º Batalhão de Artilharia, participou do cerco à Montevidéu, durante a intervenção militar brasileira contra o governo de Atanásio Aguirre no Uruguai.

A invasão da província do Mato Grosso e da mesopotâmia argentina, sem declaração de guerra ou estado de beligerância, levaram a instituição do Tratado da Tríplice Aliança contra o governo de Solano Lopez, em 1º de maio de 1865.

Deodoro, como major em comissão, comandou o 24º Corpo de Voluntários da Pátria (24º CVP), anteriormente designado como 2º CVP e oriundo do município neutro da Corte, tomando parte no combate Estero Bellaco e na batalha de Tuiuti, nos dias 2 e 24 de maio de 1866, respectivamente. No ano seguinte, foi elogiado pelo arrojo e bravura durante o combate de Tahy, em 2 de novembro de 1867.

No dia 18 de janeiro de 1868, foi promovido ao posto de tenente-coronel, ainda por atos de bravura reconhecidos e proclamados pelo comandante em chefe. No dia 19 do mês de fevereiro, participou do assalto e do combate de Estabelecimento.

No entrincheiramento de Angustura, em 1º de outubro do mesmo ano, foi louvado em ordem do dia pelo Barão do Triunfo, pela sua eficiência no reconhecimento a viva força e no combate. Em Itororó, em 6 de dezembro, recebeu três ferimentos por arma de fogo. Em 11 do mesmo mês, também por atos de bravura, recebeu a patente de coronel que lhe foi confirmada a 20 de fevereiro de 1869. Naquela oportunidade, foi-lhe concedida a medalha de Mérito Militar pelos reiterados atos de bravura. Ao mesmo tempo, era condecorado com as Ordens do Cruzeiro, Rosa e Aviz.

À frente da 8ª Brigada de Infantaria, participou do assalto e combates de Peribebuí e Campo Grande, em 12 e 16 de agosto, respectivamente. Em 9 de fevereiro de 1870, recebeu ordem de permanecer no distrito de Curupaiti comandando uma força de 1.000 soldados das três armas.

Retirou-se do Teatro de Operações em agosto desse mesmo ano, em direção ao Rio de Janeiro, comandando o 1º Batalhão de Artilharia a Pé.

Em 14 de outubro de 1874, foi promovido a brigadeiro e dez anos depois a marechal de campo.

Ingressou oficialmente na política em 1885, quando exerceu o cargo de presidente da província do Rio Grande do Sul. Assumiu a presidência do Clube Militar de 1887 a 1889. Nessa época, abolicionistas e republicanos buscavam a adesão do Exército às suas causas.

A ideia de abolir a escravidão generalizava-se no Exército, cujas fileiras eram formadas por negros e mulatos. A favor do Império continuavam, apenas, os antigos chefes militares que nutriam estima e admiração pelo imperador.

Após o dia 13 de maio de 1888, quase ninguém mais acreditava em um terceiro reinado. Em 1889, a crise chegou ao ápice, quando Benjamin Constant, professor da Escola Militar, foi convidado a liderar um movimento que deporia o imperador. Republicanos civis juntaram suas forças às dos militares e todos decidiram que 20 de novembro seria o dia do levante.

No dia 14 de novembro, com o objetivo de agitar os meios militares, o major Sólon espalhou o boato de que o Visconde de Ouro Preto decretara a prisão de Deodoro e de Benjamin Constant. Em face desses boatos, os revoltosos ocuparam o quartel-general do Rio de Janeiro e o ministério da Guerra. Depuseram o ministro e prenderam o Visconde de Ouro Preto. Na tarde de 15 de novembro de 1889, na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, foi assinado um manifesto que decretou o fim da monarquia.

Deodoro da Fonseca assumiu imediatamente o governo provisório, permanecendo no cargo até que fosse elaborada uma nova Constituição. No dia seguinte à proclamação, o primeiro Ministério da República foi formado e as primeiras medidas estabelecidas. No dia 21 de dezembro, foi convocada a Assembleia Constituinte, que deveria elaborar magna carta republicana. No dia 24 de fevereiro de 1891, foi promulgada a constituição do então Estados Unidos do Brasil.

No dia seguinte, Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto foram eleitos pelo Congresso Nacional para os cargos de presidente e vice-presidente da República, respectivamente. O governo republicano encontrou inúmeras dificuldades. O presidente enfrentou a oposição do Congresso Nacional, que propôs a Lei das Responsabilidades, com o objetivo de restringir os poderes do Executivo Federal. Em consequência, Deodoro dissolveu o Parlamento e decretou estado de sítio, em 3 de novembro de 1891. O Exército

e a Marinha protestaram. O almirante Custódio de Melo comandava os navios de guerra e ameaçava bombardear o Rio de Janeiro caso Deodoro não renunciasse. Diante da iminência de uma guerra civil, o presidente renunciou e entregou o poder a Floriano Peixoto.

Manoel Deodoro da Fonseca faleceu na cidade do Rio de Janeiro, no Distrito Federal, no dia 23 de outubro de 1892.

Leitura complementar

CUNHA, J. Marques da. **Deodoro e a República**. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar. 1927.

DUARTE. Paulo de Oliveira. **Os voluntários da pátria na guerra do Paraguai**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, v.3, t.1. – Comando de Caxias. 1981.

LAGO, Laurêncio. **Os Generais do Exército Brasileiro: de 1860 a 1889**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942.

PINTO, Pedro Marcus Bergo. **Uma trajetória de vida:** D. Rosa da Fonseca vista no contexto, histórico, político e social do século XIX. Rio de Janeiro: Revista do Exército Brasileiro. V.153 – 2º quad – edição especial. 2017.

SILVA, Alberto Miranda da. **Rosa da Fonseca e seus filhos.** 1ª Ed. Brasília: 2013.

VALOR(ES), ATRIBUTO(S), E DEVER(ES) A SER(EM) TRABALHADO(S): AMOR À PROFISSÃO, CORAGEM, BRAVURA, DISCIPLINA, RESPEITO À HIERARQUIA, ESPÍRITO DE CORPO, FÉ NA MISSÃO DO EXÉRCITO, HONESTIDADE, INTEGRIDADE, LEALDADE, PATRIOTISMO E PROBIDADE.



SARGENTO MAX WOLFF FILHO



ORIGENS

Nascido em Rio Negro - PR, em 29 de julho de 1911, era filho de Max Wolff, descendente de alemães e de D. Etelvina, natural de Lapa/PR. Até os quatro anos, viveu as tensões da Guerra do Contestado. Aos cinco anos, durante a Primeira Guerra Mundial, frequentou a escola em Rio Negro (PR). Aos onze anos, já era o principal auxiliar de seu pai na torrefação e moagem de café. Aos dezesseis anos, passou a trabalhar como escriturário de uma companhia que explorava a navegação no Rio Iguaçu. Nas horas de folga, juntava-se aos carregadores para ensacar erva-mate, carregar e descarregar vapores.

O SOLDADO

> Tínhamos, em nosso Batalhão, um sargento que, para mim, foi o maior combatente que conheci em minha vida. Trata-se do sargento Max Wolff Filho, que eu conheci de perto e que vi, inclusive, morrer. (Gen Octávio Pereira da Costa)

Serviu ao Exército pela primeira vez alistando-se no então 15º BC, em Curitiba, hoje 20º BIB, onde participou da Revolução de 1930. Transferido para o Rio de Janeiro, combateu a Revolução de 1932, no Vale do Paraíba. Foi professor de educação física e defesa pessoal. Promovido à 3º sargento, passou a integrar a Polícia Militar do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, organizada pelo major Zenóbio da Costa, e atuou na função de comandante da Polícia de Vigilância.

Na época da Segunda Grande Guerra Mundial, apresentou-se voluntariamente, sendo designado para a 1ª Cia, do 1º Batalhão; do já tradicional 11º Regimento de Infantaria, em São João Del Rei. Contava ele com trinta e três anos de idade.

Ingressou na FEB como terceiro sargento e desde cedo tornou-se muito popular e querido, dadas as suas atitudes destemidas e a maneira carinhosa e paternalista com que tratava seus subordinados. Com o passar do tempo, passou a ser admirado não só pelos

seus camaradas, mas pelos superiores, tanto da FEB como do V Exército de Campanha americano, pelas suas inegáveis qualidades.

Todas as vezes que havia missões difíceis a serem cumpridas, lá estava o Sgt Wolff se declarando voluntário, principalmente participando de patrulhas. Fazia parte da Companhia de Comando e, portanto, sem estar ligado diretamente às atividades de combate, participou de todas as ações de seu Batalhão no ataque de 12 de dezembro a Monte Castelo, levando, de forma incessante, munição à frente de batalha e retornando com feridos e, na falta destes, com mortos.

Por sua coragem invulgar e pelo excepcional senso de responsabilidade, passou a ser presença obrigatória em todas as ações de patrulha de todas as companhias. Um desses exemplos está contido no episódio em que o general Zenóbio da Costa, ao saber do desaparecimento do seu ajudante de ordens, capitão João Tarciso Bueno, ordenara ao comandante do Batalhão que formasse uma patrulha para resgatar o corpo do seu auxiliar. O comandante adiantou ao emissário que a missão seria muito difícil, mas que tentaria. Para tanto, sabedor que só um militar especificamente poderia cumpri-la, chamou o Sgt Max Wolff, deu a ordem e ouviu dele, com a serenidade, a firmeza e a lealdade que só os homens excepcionalmente dotados podem ter:

> Coronel, por favor, diga ao general que, desde o escurecer, este padioleiro e eu estamos indo e voltando às posições inimigas para trazer os nossos companheiros feridos. Faremos isto até que a luz do dia nos impeça de fazer. Se, em uma dessas viagens, encontrarmos o corpo do capitão Bueno, nós o traremos também. (Cinqüentenário da morte em combate do Sargento Max Wolff Filho - Cel Claudio Moreira Bento)

Não logrou o sargento Wolff trazer o corpo do capitão Bueno que, apenas ferido, havia sido resgatado por um soldado, mas ainda lhe foi possível, naquela madrugada, salvar muitas outras vidas.

Tais qualidades o elevaram ao comando de um pelotão de choque, integrado pelos melhores combatentes especializados em missões de patrulha, que marcharia sobre o acidente capital “ponto cotado 747", ação fundamental nos planos concebidos para a conquista de Montese.

Partiu às 12 h de Monteporte, passou pelo ponto cotado 732 e foi a Maiorani, de onde saiu às 13:10h para abordar o ponto cotado 747. Tomou todas as precauções, conseguindo aproximar-se muito do casario, tentando envolvê-lo pelo Norte. Estavam a 20 metros e o sargento Wolff, provavelmente tendo se convencido de que o inimigo recuava, estando longe, abandonou o caminho previsto para, desassombradamente, à frente de seus homens, com duas fitas de munição trançadas sobre seus ombros, alcançar o terço superior da elevação.

O inimigo deixou que chegasse bem perto, até quando não podiam mais errar. Eram 13:15 h do dia 12 abril de 1945. O inimigo abriu uma rajada, atingindo e ferindo o comandante no peito que, ao cair, recebeu nova rajada de arma automática, tendo caído mortalmente, também, o soldado que estava ao seu lado. Após esta cena, sucedeu-se a ação quase suicida de seus liderados para resgatar o corpo do comandante. A rajada da metralha inimiga rasgava um alarido de sangue. A patrulha procurava neutralizar a arma que calara o herói. Dois homens puxaram o corpo pelas pernas. Um deles ficou abatido

nessa tentativa. O outro, esquálido e ousado, trouxe Wolff à primeira cratera que se lhe ofereceu. Ali, mortos e vivos se confundiam. A patrulha, exausta, iniciava o penoso regresso às nossas linhas, pedindo que a artilharia cegasse o inimigo com os fogos fumígenos e de neutralização.

Os soldados do *Onze* queriam, a qualquer custo, buscar o companheiro na cratera para onde tinha sido trazido, lembrando a ação que ele mesmo praticara tantas vezes. Queriam trazer o paciente artesão das tramas e armadilhas da vida e da morte das patrulhas. Foi impossível resgatá-lo no mesmo dia face à eficácia dos fogos inimigos, inclusive de artilharia. O dia seguinte era a largada da grande ofensiva da primavera. O sargento Wolff lá ficara para que estivesse presente na hora da decisão.

Montese foi conquistada. Seu nome será sempre presente porque as grandes ações são eternas. Foi promovido *post-mortem* ao posto de segundo tenente (Decreto Presidencial, de 28 de junho de 1945). Deixou na orfandade sua filha Hilda, seu enlevo e maior afeição de sua vida de soldado. Da Itália, escreveu para sua irmã Isabel, relatando seu orgulho em pertencer ao Exército Brasileiro e que, se a morte o visitasse, morreria com satisfação.

Foi homenageado com a distinção de ser agraciado com quatro medalhas: de Campanha; Sangue do Brasil; *Bronze Star* (americana) e Cruz de Combate de 1ª Classe. Eis a síntese do heroísmo de um homem simples e valoroso. Seus restos mortais encontram-se no Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial (Rio de Janeiro/RJ), no jazigo 32, quadra G.

O sargento Max Wolff Filho morreu ao fazer o que mais lhe estimulava e que é uma das mais nobres incumbências da infantaria: a patrulha! Nestas missões ele se atirava com garra, "extrema coragem e impressionante bravura, não obstante sempre com muita responsabilidade e inteligência". Assim, o epíteto de "Rei dos Patrulheiros", faz-lhe por merecimento ser um exemplo invulgar que o coloca, juntamente com outras personalidades, a figurar no panteão dos Heróis da Pátria Brasileira.

Leitura complementar

BENTO, Claudio Moreira. **Os 68 heróis da FEB mortos em operações de guerra**. Resende: Federação das Academias de História Militar Terrestre, 2011.

Biografia. http://www.esa.ensino.eb.br/index.php/historia/sgt-max-Wolf-filho/biografia

Força Expedicionária Brasileira. Montese, a vitória mais sangrenta da FEB. Disponível em: www.eb.mil.br/c/document_library/get.

RAMIREZ, Luiz Carlos (org.). **Vultos históricos nacionais**. Resende: Editora Acadêmica, 2008.

sargento Max Wolff Filho: Herói da Segunda Guerra Mundial. **Verde-Oliva**. Brasília, Ano XXXIX, nº 212, Jul/Ago/set, 2011.

VALOR(ES), ATRIBUTO(S), E DEVER(ES) A SER(EM) TRABALHADO(S): AMOR À PROFISSÃO, APRIMORAMENTO TÉCNICO-PROFISSIONAL, BRAVURA, DISCIPLINA, RESPEITO À HIERARQUIA. ESPÍRITO DE CORPO. FÉ NA MISSÃO DO EXÉRCITO. HONESTIDADE. INTEGRIDADE. LEALDADE. PATRIOTISMO. PROBIDADE. RIGOROSO CUMPRIMENTO DOS DEVERES. TRATO DO SUBORDINADO COM DIGNIDADE.



CAPITÃO-MOR PEDRO TEIXEIRA - O CONQUISTADOR DA AMAZÔNIA



ORIGENS

Pedro Teixeira nasceu em Catanhede, distrito de Coimbra, Portugal. Pouco se conhece sobre a sua família e os seus primeiros anos de vida. Era nobre Cavaleiro da Ordem de Cristo e Moço Fidalgo da Casa Real. Passaria para história brasileira como capitão-mor Pedro Teixeira, o Conquistador da Amazônia.

O SOLDADO

Aportou no Brasil em 1607, com trinta e sete anos de idade, destacando-se na luta contra a implantação da França Equinocial. Comandou a defesa do Forte da Natividade, em 19 de novembro de 1614, contra o ataque dos franceses no Maranhão. Após a expulsão destes, em fins de 1615, a Coroa Portuguesa determinou o envio de uma expedição à foz do rio Amazonas, com três embarcações, sob o comando de Francisco Caldeira Castelo Branco, visando à consolidação de sua posse sobre a região. Nela seguia o então alferes Pedro Teixeira.

Em 12 de janeiro de 1616, as embarcações ancoraram na baía de Guajará onde, em uma ponta de terra, foi fundado o Forte do Presépio, núcleo da atual cidade de Belém do Pará.

Retornou a São Luiz em 7 de março de 1616, comandando uma expedição terrestre, levando a notícia da fundação da nova cidade. Em 1627, frei Vicente do Salvador, na sua obra “História do Brazil”, destacou a sua atuação.

O tenente Pedro Teixeira comandou, neste mesmo ano, uma expedição punitiva, composta por 20 soldados e vários indígenas tupinambás contra uma belonave batava, sendo ferido em combate em 9 de agosto do mesmo ano. Foi promovido a capitão em 28 de agosto de 1618 e recebeu a missão de construir, em 1622, uma estrada ligando Ourém, no Pará, até Viana, no Maranhão.

Enviado ao rio Xingu, em 1625, conquistou e destruiu o Forte Mandiutuba, construído pelos holandeses. Neste mesmo ano, em 24 de outubro, expulsou os ingleses do Forte Torrego e, em 10 de julho de 1632, defendeu o Forte de Gurupá do ataque

inglês, obrigando o comandante inimigo a retrair para a margem esquerda do rio Amazonas.

Em 28 de outubro de 1637, o capitão Pedro Teixeira partiu de Gurupá e alcançou a foz do rio Napo em 3 de julho do ano seguinte. A expedição tinha o objetivo de explorar um curso d'água dominado por mulheres guerreiras e hábeis no manejo com cavalos: o rio das Amazonas. Esta incursão, considerada por muitos como a maior façanha sertanista da região, contava com 47 grandes canoas, 70 soldados e 1.200 indígenas.

Alcançou Quito, em outubro de 1638. Em 10 de novembro, Pedro Teixeira foi recebido em audiência pelo governador daquela cidade; em 16 de fevereiro do ano seguinte, iniciou a sua viagem de regresso; em 15 de agosto, tomou posse da Amazônia a partir da margem esquerda do rio Aguarico (atual rio do Ouro) para o leste em nome do rei da Espanha e de Portugal, e da Coroa Portuguesa, embora essa ainda estivesse sob o domínio espanhol.

O ato de posse foi registrado pelo escrivão da expedição, conforme as instruções que constavam no seu Regimento, e que deveria servir (...) "de baliza aos domínios das duas coroas (de Espanha e Portugal)". Aportou em Belém, em 12 de dezembro de 1639, cumprindo a sua missão após mais de dois anos de sua partida.

Esta expedição foi descrita no livro "Novo Descobrimento do Grande Rio das Amazonas", editado em Madri, em 1641. O governo espanhol mandou imediatamente recolher e destruir a publicação. Preocupava-se com a divulgação da rota para as minas peruanas e com as pretensões territoriais portuguesas relacionadas à sua Colônia na América, sobretudo no momento da Restauração. Tal medida não impediu que, mais tarde, a expedição de Pedro Teixeira fosse usada pela Coroa Lusa para reivindicar a posse da Amazônia.

Esta incursão deu condições, pelo menos, no que se refere à identificação do território, para a ocupação do Vale do Amazonas, através da instalação de fortes e missões religiosas nas margens dos rios.

Em reconhecimento por sua extensa lista de serviços prestados na conquista da Amazônia, foi nomeado, pelo rei Felipe IV, capitão-mor da Capitania do Grão-Pará, assumindo as suas funções em fevereiro de 1640. O general Pedro Teixeira foi agraciado, posteriormente, pelo monarca ibérico com o título de Marquês de Aquella Branca.

No primeiro dia do mês de dezembro, a União Ibérica foi rompida e a Monarquia Portuguesa restaurada. Em 6 de junho do ano seguinte, Pedro Teixeira, o Conquistador da Amazônia, pereceu na cidade de Belém, onde foi sepultado aos setenta e um anos de idade.

A posse da terra em nome da Coroa Lusa em 1639 e o fim da união das casas ibéricas em 1640, permitiu que a Amazônia passasse a ser um domínio legítimo de Portugal, reconhecido pelos tratados de Madri, de 1750, e ratificado pelo tratado de Santo Ildefonso, de 1777. O advento da Independência do Brasil, em 1822, transferiu a posse da terra da Coroa Lusitana para o Império Brasileiro que se formava.

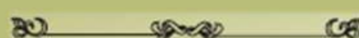
Pedro Teixeira foi homenageado em Catanhede, sua terra natal, com uma estátua em praça pública e no Brasil outorgou seu nome ao 2º Batalhão de Infantaria de Selva – *Batalhão Pedro Teixeira* - sediado na cidade de Belém.

Leitura complementar

BENTO, Claudio Moreira. **A conquista da Amazônia** em www.ahimtb.org.br
MIRANDA, E. Eduardo de. **Quando o Amazonas corria para o pacífico**: Ed. Vozes, 2007.
RAMIREZ, L. Carlos. **Vultos históricos nacionais**. Resende: Editora Acadêmica, 2008.

VALORES, ATRIBUTOS, E DEVERES A SEREM TRABALHADOS: AMOR À PROFISSÃO, BRAVURA, CORAGEM, DISCIPLINA, ESPÍRITO DE CORPO, RIGOROSO CUMPRIMENTO DOS DEVERES E DETERMINAÇÃO.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Na elaboração da cartilha 3, Patronos, Heróis e Personalidades Militares, o principal intento foi tornar disponível àqueles que exercem o comando, em todos os escalões, um guia histórico e uma ferramenta que sirva:

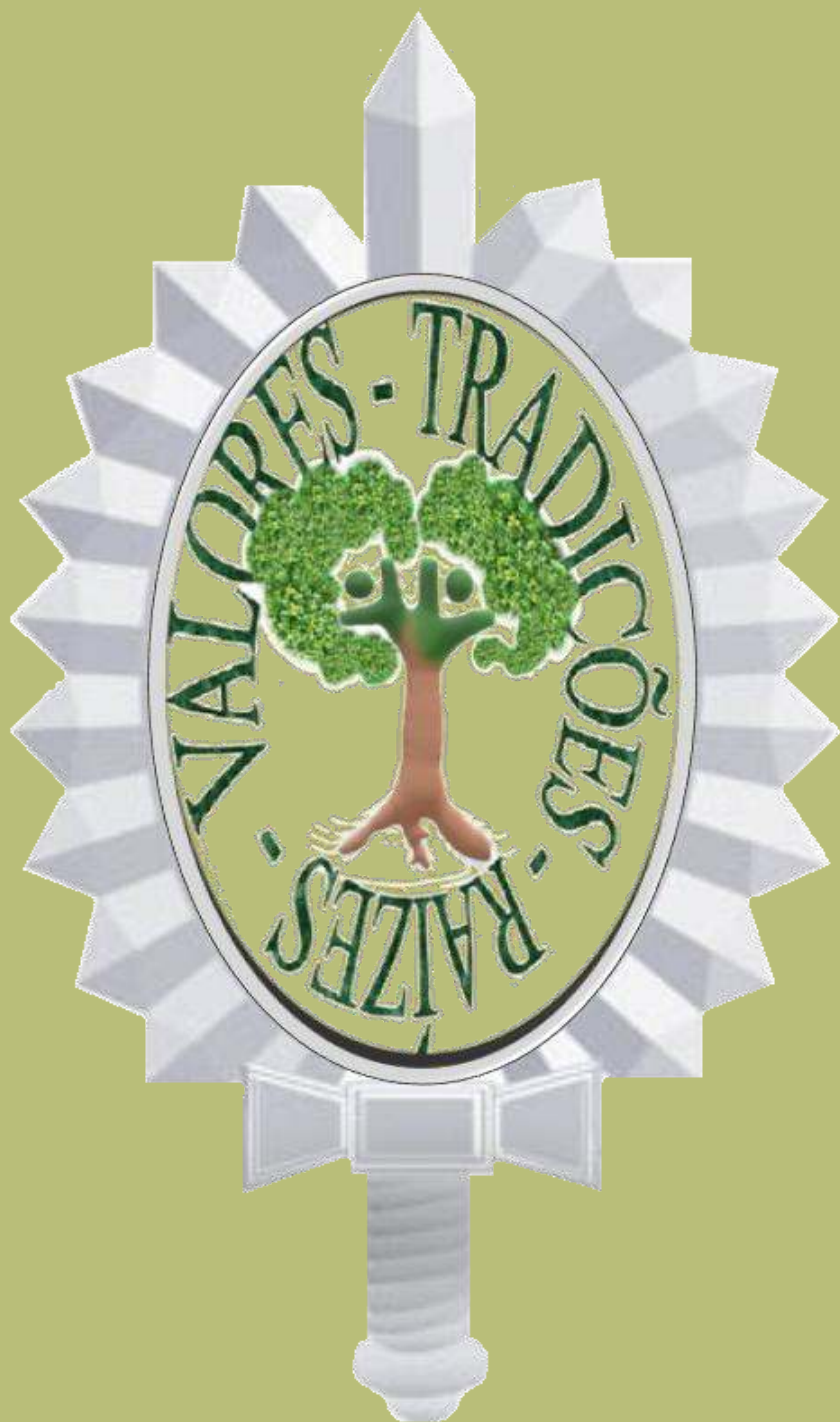
> para o exercício da liderança, permitindo valorizar a dimensão humana, estimular o espírito de corpo, estimular a operacionalidade da tropa e consolidar a integração do Exército com a sociedade. (Portaria 255-EME, Diretriz para a Implantação do Projeto Raízes, Valores e Tradições do Exército de 4 de Julho de 2016, p. 3).

O Exército Brasileiro deve manter-se em constante diálogo com a sociedade a quem serve. Para que evolua e ao mesmo tempo permaneça assentado sobre os valores que o sustentam e o identificam, ele necessita, constantemente, voltar-se para aqueles que se constituem em paradigmas incontestes dos mais caros apanágios militares.

Espera-se que este compêndio constitua um farol, onde os próceres do Exército, ao serem mirados, transmitam os seus ideais, a sua inspiração, os exemplos que dignificam a profissão militar, e que, se necessário, sejam utilizados como antídoto aos eventuais desvios passíveis de comprometer os valores castrenses e o entusiasmo dos profissionais das armas.






VALORES · TRADICÕES · RAIZES